
THE
SCENE
BAD BOY BILLIONAIRE: TWO
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
ROXY SLOANE



TRADUÇÃO – AMANDA CAROL

REVISÃO INICIAL- AMANDA , JUUH

REVISÃO FINAL – FLAVIA M

LEITURA E CONFERENCIA : IRINA QUEEN

OUTUBRO/ 2018

# SINOPSE

Estou disfarçada para revelar a verdade sobre o assassino do meu irmão.

Uma vida dupla. Um jogo perigoso, com um homem sexy - como - inferno.

As apostas estão na mesa; viver ou morrer, mas não posso me deter agora.

**Isso acaba hoje à noite.**

# PRÓLOGO

Eu nunca fui boa em mentir para as pessoas, especialmente, para aquelas pessoas que me conhecem bem. Com estranhos, contanto que conheça a história que quero contar, tento manter simples e o mais perto possível da verdade, posso convencê-los. Mas, e as pessoas que estão ao meu redor?

Minha família? Nem tanto. Não demora muito para descobrirem que algo está mal. No iate de Eduardo, na outra noite, consegui ficar controlada na maior parte do tempo, mas Xavier sabia que algo estava errado. O agente Barton quer que eu fique o mais perto possível de Xavier, para que possa encontrar provas que provem que é o chefe, mas como devo fazer isso, enquanto estou mentindo tanto para ele?

Quando estou com ele, não consigo convencer—me de que é capaz de fazer tantas coisas horríveis. Sinto coisas por ele, que não posso negar e a linha entre a verdade e a mentira torna—se muito turva. Trabalhar, secretamente, para Barton leva a um nível totalmente novo.

Xavier conhece cada centímetro do meu corpo e os sons mais íntimos que faço.

Agora, apesar de saber que poderia ser um assassino, não só tenho que agir como se tudo estivesse bem, tenho que agir como se estivesse nos meus saltos. Meu corpo não pode fingir.

Ele quer o que quer e isso é perigoso. Porque, quando não é físico, quando não está causando estragos com suas mãos talentosas e sua boca, não posso fingir que confio nele completamente.

Não sei como posso continuar encenando. Mas acho que não tenho escolha.

Primeiro Eli, depois Kayla e agora, minha vida está em jogo também. Se quiser ficar a salvo do chefe, se for Xavier ou outra pessoa. Caso contrário, terei que encontrar a prova.

Prova que me levará longe de Xavier, para que Barton possa se concentrar em outro lugar, ou um teste, que me leve diretamente a ele.

Não tenho certeza do que me assusta mais.

Mas há apenas uma maneira de acabar com isso e é fazer justiça a Eli e Kayla. Tenho que encontrar a verdade, não importa o que aconteça.

# CAPÍTULO UM

Ao amanhecer, o restaurante é ainda mais assustador e mais triste do que o resto do tempo. É como um refúgio para aqueles que não têm para onde ir, ou alguém com quem ir para casa. Bêbados e moradores de rua, que têm um dólar, sentados tomando café, agachando—se nas cabines. Todos parecem transmitir suas histórias de vida difíceis, em seus rostos: anos de dependência, desemprego, abandono.

O sol ainda não saiu, então, as luzes fluorescentes emitem um brilho pálido e doentio, que destaca as manchas de sujeira e graxa nas paredes. Quando olho em volta, parece surreal. Como cheguei aqui? Cinco da manhã, em uma área de piquenique, com um agente da DEA, que nem tenho certeza se confio completamente.

Sei que Kayla foi assassinada, porque usou minha roupa e parecia comigo. Agora, concordo em espionar meu quase namorado, que poderia ser o maior traficante de drogas em Miami. O corpo ainda não está frio e parece que não posso esperar para me jogar na situação mais perigosa possível.

Ótimo movimento, Nikki.

— Você nem está ouvindo, está?

A voz do agente Barton atravessa meus pensamentos em espiral.

— Sinto muito — murmuro.

Ele, praticamente, rosna para mim, mas mantém sua voz baixa o suficiente, para impedir que ouvidos indiscretos, em uma mesa próxima, ouçam-no.

— Droga, Nicole. Deve levar isso a sério. Temos a oportunidade de obter as provas de que precisamos, para mostrar que seu homem é o chefe.

— Levo isso a sério, só estou...

— Não. Preste atenção. Se arruinar isso, nós nunca vamos pegá-lo.

Ele se inclina sobre a mesa e aponta um dedo para o meu rosto. — Você não vai estragar tudo para mim.

Minha raiva aumenta e removo o dedo dele. Mantenho minha voz baixa, mas as palavras saem, como se estivesse

assobiando para ele.

— Acha que não sei o quão importante isso é? Minha amiga foi assassinada, algumas horas atrás. Dê-me um maldito minuto para processá-lo, ok?

Ele olha para mim, mas não volto para trás, dando-lhe um olhar igualmente irritado. Depois de alguns segundos, vejo seu rosto se transformar. Balança a cabeça e se inclina para trás em seu assento.

— Tem razão. Foi uma noite difícil para você. Vou esperar estar mais calma, antes de continuar. Estou apenas tentando preparar-te. Para sua própria segurança. — Empurra sua xícara de café para a borda da mesa, um sinal para a garçonete vir em nossa direção.

— Eu sei. Prestarei atenção, prometo.

A garçonete traz nosso café da manhã e reabastece as xícaras. Barton pediu um prato de lenhador e, enquanto ela revisa as seleções com ele, salsichas, bacon, panquecas, rabanada e ovos estrelados, minha boca começa a virar água. Percebi que não comia a cerca de doze horas e pedi panquecas com bacon. Enquanto dou minha primeira mordida, percebo

que foi uma excelente decisão.

Depois de dar algumas mordidas, Barton retoma a conversa.

— Tenha o máximo de tempo possível com Xavier. É importante para mim saber, com quem você está e para onde está indo. Se estão juntos e tiver que sair para cuidar do seu negócio, ofereça-se para acompanhá-lo e espere até que ele termine. Se atender uma chamada, fique no quarto. Ouça conversas que não parecem importantes; tudo ajudará a montar o negócio dele e será uma maneira de derrotá-lo. — Barton dá uma mordida na linguiça e continua mastigando, enquanto fala. — Preciso que saiba o que está nos seus documentos e no seu computador. Verifique, quando ele estiver no chuveiro. Melhor ainda, passe a noite com ele e encontre uma maneira de ficar lá, enquanto ele sai. Diga que você quer esperar por ele na cama, quando estiver em casa. Xavier vai engolir isso.

Recuo um pouco, com o sorriso de Barton. Ele é um velho muito sujo. Dá uma mordida em suas panquecas e tento sacudir a imagem de seu sorriso lascivo do meu cérebro.

— O que estou procurando? Quero dizer, disse-me que

não tem provas reais de que Xavier esteja associado ao tráfico de drogas, muito menos com o chefe.

Ainda não posso acreditar que Xavier pode ser essa pessoa horrível que Barton acha que é. Nunca me machucou. Nem sequer me disse qualquer coisa, remotamente, ameaçadora. Até ontem à noite, seu tom era frustrado e ferido, não perigoso.

— Ainda acha que é bom, menina doce, certo? Que vai levá-la em seus braços, como um príncipe e que poderá viajar e viver feliz depois? — Barton nega e ri impiedosamente. — Está sendo ingênua. Ele não é um cara legal.

— Como sabe que está envolvido em tudo isso, no entanto? Não vi nada suspeito em tudo. — Bem, isso não é exatamente verdadeiro. Eu o vi se comportar de maneira estranha e peguei o final de uma conversa, que pareceu suspeita.  E depois, há todo o relacionamento com Eduardo, que é, supostamente, o braço direito do chefe. Mas não digo nada a Barton sobre isso. Algo me força a defender Xavier. Coloco um pouco mais de xarope nas panquecas e percebo que Barton está olhando para mim.

— O que? O que está acontecendo? — Olho para trás,

esperando ver alguém.

— O que há de errado? Esqueceu seu irmão? — Isso desperta a raiva em mim, novamente.

— Como pode perguntar isso? Claro que não.

— Bem, obviamente fez, porque Eli trabalhou, secretamente, para mim. Você já sabe disso.

— Sim e eles o mataram.

— Exatamente! — Barton coloca o dedo na mesa, para enfatizar seu ponto. — Eles o mataram porque estava muito perto da verdade. Você não pode deixar as emoções confundirem as coisas. Xavier não é seu namorado. Ele é um homem mau, que faz coisas ruins.

Ele faz uma pausa, para se inclinar sobre a mesa, mas desta vez, não olha nem aponta para mim. Sua expressão é séria e seus olhos ardem com determinação. — Derrube esse homem, Nicole. Pelo bem de Eli.

Uma pontada de dor apunhala meu coração, com suas palavras. Suspiro, mas assinto.

— Bom.

Barton se inclina para trás e desliza um cartão de visita para o outro lado da mesa, com um número manuscrito e nada mais.

— Programe isso no seu celular, em "Tio Charlie". Quero que me ligue todos os dias. Se não estiver disponível, alguém irá responder. Se está com ele, diga que é como se ele fosse seu tio. Sei que você está bem, se disser "Estou feliz que tia Kathy se sinta melhor". Entendido?

— Sim. O que acontece, se eu tiver problemas?

— Diga "Você vai para a cirurgia?" E me diga sua localização, algo como "Agora estou no escritório do meu namorado, mas irei no próximo voo. Chegarei lá rapidamente ".

Sinto seus olhos em mim, quando coloco o cartão na carteira. Quando termino, olho para cima e o vejo me estudando, como se fosse um rato de laboratório, em sua experiência. Acho que sou.

—Colocarei alguém para te seguir. Vou te ver. Não posso ter algo acontecendo, com meu maior trunfo, certo?

Suas palavras são destinadas a me tranquilizar, mas tudo

o que fazem é enviar um arrepio na espinha. Tremo, no entanto. Não tenho certeza se gosto da ideia de Barton conhecer os meus passos, mas acho que vou me sentir melhor, sabendo que alguém está do lado de fora.

— Algo mais que eu deveria saber? Caso contrário, realmente, preciso de um pouco de sono.

— Sim. — diz ele. — Nunca se esqueça disso, ele é perigoso. Tem que agir como se tudo fosse normal, então, não suspeitará de nada. Tem certeza que pode fazer isso, certo?

Ainda não estou convencida de que posso e não tenho ideia de como vou repetir o que fiz, ontem à noite. Mas não tenho escolha.

— Irei descobrir. Por Eli.

***

Vejo vida em Miami, enquanto dirijo para casa. Como de costume, Barton me fez pegar uma rota de ônibus aleatória, então, quando cheguei ao carro, lutei para não dormir. Mas, enquanto dirijo com as janelas abertas, o ar da manhã traz-me à vida. Sinto-me, estranhamente, energizada, pronta para o que vier.

Quando cheguei em Miami, estava determinada a descobrir a verdade sobre a morte de Eli. Era a única que não acreditava que tivesse morrido em um acidente de carro aleatório. Sabia que algo mais estava acontecendo. Quanto mais questionava sua morte, mais mergulhava no mundo de Crime de Miami. Agora, estou tão enraizada, que não sei como sair.

Estou com muito na minha cabeça, com tudo para espionar Xavier. Mas os corpos se acumulam. Quem sabe quem pode ser o próximo? Nunca poderia perdoar-me, se algo acontecesse com Hailey. Já é ruim o suficiente que Kayla pagou o preço por mim. Não há escapatória agora. Tenho que terminar isso.

A estrada está, praticamente, vazia, como se eu tivesse a cidade inteira para mim. Respiro o ar salgado ao redor, esperando me purificar, para me proteger de tudo o que poderia dar errado, com esse plano. As luzes roxas da calçada são refletidas na Baía de Biscayne, dando à cidade uma sensação de outro mundo. Enquanto estou dirigindo, estou cercada por água e também pelo metal e vidro dos prédios. Natureza e progresso competem por atenção.

Miami é uma cidade com essas contradições. Tudo maravilhoso, em Miami, parece ter um contraponto. As praias virgens são estragadas pelos turistas. Os invernos suaves compensam apenas a umidade extrema. A glamorosa vida noturna, esconde uma corrente de perigo subterrâneo. E ninguém, em Miami, é mais perigoso do que Xavier.

Mesmo se não fosse um criminoso perigoso, é perigoso para mim. Isso me faz sentir coisas que não quero. Que não posso sentir. A atração é demais. É como se houvesse algum tipo de força, que nos unisse e nos separasse, ao mesmo tempo.

Xavier é, na melhor das hipóteses, uma distração que vai me queimar e depois arrancar meu coração? Ou pior, um assassino de sangue frio, que matou meu irmão? Minhas mãos apertam o volante. Nenhuma das opções é boa. Não é como se pudesse saber, quando o conheci, que ele estaria por trás de tudo, mas não é como se tentasse ficar longe, quando comecei a ficar desconfiada. Agora tenho que fingir que nada está errado e me aproximar dele, novamente. Mas o confundi tão completamente, que não sei por que iria falar comigo de novo, mesmo que nossa conversa não tenha terminado.

Posso fazê-lo confiar em mim de novo? E, mais importante, como ajo como sua amante e depois apunhalá-lo pelas costas, quando não está olhando?

Parece uma tempestade de possibilidades batendo na minha cabeça. Preciso de um banho quente e dormir, talvez não nessa ordem. Fadiga começa a me atingir, novamente, quando estou um par de quarteirões do apartamento. Bati no rosto, apertei o braço e balancei a cabeça. Estou tão perto de casa.

Tropeço no estacionamento, apenas tendo energia para pegar a bolsa. Depois do que parece uma eternidade, subo as escadas, nem tenho certeza de que vou para cama, quando entrar. O sofá é visto como uma opção atraente.

Mas sono é a coisa mais distante da minha mente, quando vejo quem está esperando por mim, do lado de fora da porta. Meu coração pula e aumenta a velocidade, como se estivesse correndo uma corrida.

É Xavier.

E não parece feliz em me ver.

Ele se levanta, para entrarmos juntos. Seus olhos

parecem escuros, como se uma tempestade enfurecesse, por trás deles. O rosto é ilegível. Obviamente, está com raiva, mas por ser um amante abandonado ou por ter uma raiva psicopata? O que quer de mim?

Quero procurar ajuda. Um vizinho que saiu correndo, de manhã, até alguém fazendo o caminho da vergonha, de volta para seu carro. Mas os olhos de Xavier estão nos meus e não consigo desviar o olhar. Meus músculos ficam tensos e meu corpo parece gritar para correr. Mas é como se meu cérebro falasse uma língua estrangeira, não está recebendo a mensagem para se mover.

Finalmente, Xavier se move. Não diz nada, simplesmente, avança em direção a mim de uma forma determinada e proposital. Seu rosto ainda tem aquela nuvem e ainda não consigo ler. Meu coração dispara, parecendo que vai sair do peito. Realmente me machucaria em público? Não posso falar, não posso pensar e ainda não consigo me mexer. Apenas o vejo se aproximar de mim, esperando que exploda, como uma granada de mão.

Mas a explosão que se segue, não é nada que eu esperava. Suas mãos se movem para meu rosto e me puxa

para ele. E então, esmaga meus lábios nos dele.

# CAPÍTULO DOIS

Xavier quebra o beijo, mas continua segurando minha cabeça entre as mãos. A pressão de seus dedos nas minhas bochechas não é dolorosa, mas é firme. Realmente, poderia me machucar, se quisesse. Parte de mim está excitada sobre o quão perigoso pode ser.

Mas ele é o cara perigoso que poderia ter matado meu irmão. E isso não é nada excitante.

— Onde esteve? Esperei por horas. — Seu tom é exigente, como o beijo.

Quando não respondo imediatamente, sua testa enruga.

— Perguntei onde v esteve, Nicole. São 7 da manhã.

Minha voz está trêmula, mas planejo uma resposta. Infelizmente, não consigo olhá-lo nos olhos.

— Estava dirigindo por aí. Precisava pensar.

Olho para ele e não parece convencido.

— Só precisava ir embora, sabe? Abaixar as janelas e tomar um pouco de ar. — Engulo o caroço na garganta e corro minha mão pela parte de trás da cabeça. — Eu me perdi um pouco, mas depois, vi alguns edifícios. Eles pareciam familiares e encontrei meu caminho, novamente. Só não estava pronta para ir para casa ainda.

Não sei por que estou divagando tanto, mas parece fazer o truque. Sua expressão muda, de raiva, para uma de preocupação.

— Tinha pessoas procurando por você. Liguei a noite toda.

Ele tinha pessoas procurando por mim?

— Desliguei meu telefone. — Isso não é realmente uma mentira. — Não estava pronta para falar com ninguém.

Também não é mentira.

— Ouvi falar do que aconteceu no hotel, mas ainda não disseram o nome. Havia uma imagem de celular, em um dos canais de notícias, no entanto. Ela tinha cabelos loiros e a camisa vermelha, que você usava hoje à noite. Sabia que não poderia ser você, o cabelo não era exatamente da mesma cor,

mas tinha que te ver, para ter certeza.

Tira as mãos do meu rosto e pega meus braços. Segura-me por um momento, estudando meu rosto, antes de me esmagar, em um forte abraço. Solta uma respiração profunda, enquanto acaricia meu cabelo. A raiva foi apenas por causa da preocupação. Ele não quer me machucar.

Xavier ainda não me deixa ir, mas não me afasto. É tão bom, depois de tudo que aconteceu, tão certo, que é ridículo, considerando meu objetivo. Mas isso pode ser meu caminho de volta. Respiro profundamente.

— Depois de assistir a notícia, não conseguia me livrar deles. Sabia que não poderia ser você, então vim para cá. Sabia que voltaria para casa e que não poderia estar na água.

Eu podia ouvir o que soava como vestígios de pânico em sua voz.

— Espere, o que? — Meu cérebro começa a acompanhar o que está dizendo. — Oh, Xavier, sabe que foi Kayla. Alguém derramou algo, então emprestei-lhe minha camisa. É quem eles tiraram da água.

Xavier recua, mas ainda se agarra a mim.

— Kayla? — Algo brilha em seu rosto, mas depois vem a preocupação novamente. — Está bem? Precisa de algo? Sei que eu era sua amiga.

Minha garganta aperta.

— Estou bem. Foi apenas uma longa noite.

— Olhe, pode não querer falar neste momento, mas temos que discutir algumas coisas. Deixe-me entrar, apenas por alguns minutos.

Ele, realmente, parece um pouco preocupado que vou dizer não, mas concordo e me segue. Minha mente corre, enquanto coloco a bolsa e as chaves na mesa. Essa conversa pode ir em qualquer direção, e preciso ir em uma direção, que me mantenha perto dele. Sento-me no sofá e se senta ao meu lado.

— Estraguei tudo, Nicole. Ontem à noite, não sei o que estava pensando, colocando pressão sobre você e movendo as coisas tão rápido. Sei agora. — Xavier pega minha mão e a aperta. — Senti que estava se afastando. Você me desafia, e não estou acostumado com isso. Sinto emoções tão fortes, quando estou contigo, mas o modo como me comportei estava

errado.

Isso me deu um caminho de volta. Tudo o que tenho que fazer é pegar.

— Okay, Xavier. De verdade. Estava enviando sinais contraditórios e isso não era justo da minha parte.

Xavier acaricia minha palma com o polegar e é tão bom tê-lo ali comigo. Estou muito ciente de sua proximidade e só quero me afogar nele.

— Estava com medo do jeito que me sentia. Tudo aconteceu tão rápido e não estava procurando por isso, quando vim para Miami. Isso me fez querer correr. As coisas da minha vida tornaram-se tão complicadas, que pensei em ir para casa. Mas agora, não sei o que fazer.

— Não deixe Miami, Nikki. Quero que fique. Vou te dar tudo que precisa. Tempo, espaço, o que quiser. Ficarei longe de você.

— Não! Não é isso que quero, eu... — posso dizer pela expressão em seu rosto, que minha reação foi um pouco ríspida demais. Mas preciso estar perto dele novamente, não me deixar sozinha. Luto por algo para dizer.

— Apenas... o que aconteceu com Kayla, acordou-me. Estava apenas dirigindo, pensando em como a vida é curta e como temos que fazer as coisas, mesmo que tenhamos medo. Não quero perder mais tempo. Especialmente com você.

A culpa incha no meu peito, mas empurro de volta. Tenho que fazer isso. Tenho que atraí-lo para mim e esta é a única maneira de fazer isso.

Xavier estende a mão e corre os dedos, ao longo do meu rosto. Sinto a eletricidade do contato, mesmo quando tento combater minha hesitação. Ele se inclina para outro beijo e uma mistura de antecipação e terror enche-me. O estômago aperta, mas então, seus lábios estão nos meus, aveludados, suaves, mas firmes. Meu corpo responde, apesar de minhas preocupações, aquecendo com seu toque, o beijo derretendo qualquer protesto que possa ter. Sua língua brinca com a minha, um beijo que é, ao mesmo tempo, sexual e íntimo.

A química entre nós é tão forte, que sinto, mais do que o normal, depois de cortar os laços com ele. Sua língua explora minha boca e não posso evitar pensar nela explorando o resto do meu corpo. A medida que o beijo continua, as mãos de Xavier se movem nas minhas costas. Percebo que minhas

mãos fazem o mesmo, indo para os ombros e para os braços firmes, como se fossem independentes do meu cérebro, meu corpo tomou conta e o quer. Ele anseia por isso. Seu toque parece desconectar a parte do meu cérebro que controla o pensamento lógico.

Sua boca se move para baixo do meu pescoço e a sensação de sua boca na minha clavícula, no meu decote, envia sacudidas de prazer entre as pernas. Ele me move de volta contra o sofá e começa a levantar minha camisa, plantando beijos no meu abdômen. Cada toque de seus lábios em minha pele nua excita-me e tremo em antecipação do que está por vir. Puxa minha camisa, em seguida, puxa as alças do sutiã, deixando-o para baixo, para que meus seios fiquem expostos. olha para mim, com pura luxúria em seus olhos. Então, sua boca e mãos estão em meus seios, lambendo e chupando os mamilos. Esqueço tudo, exceto o quão incrível é. Meu corpo está em chamas com o quanto o quero.

não quero pensar em Eli. não quero considerar a possibilidade de estar com seu assassino, não agora. Mas a ideia surge no fundo da minha mente e se recusa a voltar para o fundo da cabeça...

Quando seu telefone toca, estou tão perdida em prazer e dor, que levo um minuto para perceber o que está acontecendo.

Ele ignora a primeira chamada, mas recua, relutantemente, depois que fica claro que o telefone não vai parar.

Deixa ir para o correio de voz e suspira.

— Sinto muito, Nicole. Hoje estou cheio de compromissos. Já adiei algumas coisas que precisavam ser tratadas hoje cedo, mas não posso evitar meu trabalho, por muito mais tempo. Embora tudo que queira fazer é ficar com você.

Tento não mostrar desapontamento, mesmo que meu corpo esteja gritando por libertação. Então, os sentimentos conflitantes voltam e fico aliviada por não ter que fingir o dia todo.

— Entendo. Preciso, desesperadamente dormir, de qualquer maneira.

Suavemente, acaricia meu rosto novamente.

— Jante comigo esta noite. Deixe-me tirá-la daqui e te cuidar.

Provavelmente não vai me dar muita oportunidade de obter informações, mas tenho que acompanhar. Não é como se pudesse passar um tempo com ele, em situações que levam a algo que possa usar. Além disso, é mais fácil desempenhar meu papel em público, quando a sua concentração não é só em mim... e quando tenho de vestir minhas roupas.

—Eu gostaria disso. — Dou a ele o melhor dos meus sorrisos. Caminhamos em direção à porta e ele se curva. Desta vez, seu beijo é terno, doce. O beijo que você dá em alguém que se importa profundamente. Devolvo, deixando-o sentir-se seguro e confiável. Não suspeita de nada.

# CAPÍTULO TRÊS

Eu não preciso dormir muito, não faço isso facilmente. Nunca fui capaz de dormir bem por longos períodos, durante o dia. É como se meu corpo não fosse enganado, não importa o quão cansado esteja. Depois de algumas horas desisto e passo o resto do dia provando-me para a tarefa. Quando falei com meus pais, outro dia, disse a eles que voltaria para casa, então os chamo novamente.

Sinto-me culpada por mentir para eles, mas não tenho escolha. Acreditam em mim, quando lhes digo que não quero sair do resort de repente, por isso, ficarei um pouco mais. Claro que não podem argumentar comigo sendo responsável e os avisando. Digo à minha mãe que ficarei algumas semanas, só até que possam encontrar e treinar alguém. Claro, espero que não demore muito e digo isso.

Terei que dizer à Hailey uma mentira diferente, porque não posso usar o trabalho como uma desculpa, mentindo para todo mundo que conheço. Ótimo, não sei por que aceitei fazer isso e me preocupo em não conseguir manter minhas

histórias claras. Quanto mais cedo conseguir provas para Barton, mais cedo terminará. Poderei ir para casa e saberei que fiz a coisa certa. Terei o fechamento com Eli, mesmo que ninguém mais saiba que ele é a razão de tudo isso. Qualquer outra coisa que sinta, ou meu corpo queira, terei que controlar.

Hailey chega em casa, enquanto estou me preparando para o encontro com Xavier. Parece que ela dormiu tanto quanto eu, mas tenho certeza que não era tudo sobre Kayla. Aposto que o namorado dela, o gorila, tinha algo a ver com os círculos escuros sob os olhos.

— Suponho que você não dormiu nada? — Hailey pergunta, enquanto olha na geladeira. — não consigo parar de pensar sobre o que aconteceu.

A culpa inunda meu corpo. Era para ser eu. Parte de mim quer dizer, mas que bem isso faria? Além disso, quanto menos souber, melhor.

— Sim. Não estava tão perto dela, obviamente, mas estou tendo dificuldades para processar. — Isso é um eufemismo. Sinto que estou vivendo em um filme.

Hailey espalhou a mostarda em um pedaço de pão e começou a colocar presunto e queijo nele.

— Você tem tentado fazer alguma coisa para se distrair? Está obcecada por coisas ridículas?

Olha para cima e acena. A dor que vejo em seu rosto, envia outra pontada de culpa ao meu coração

— Nós estamos no mesmo barco, então. Quer um sanduíche?

— Não, estou bem, obrigada.

Hailey olha para o sanduíche.

— Você nunca come. O que está acontecendo?

Ela olha para mim com desconfiança, depois continua, antes que possa responder. — Espera um minuto. Não vejo caixas e está vestida para sair. Mudou de ideia sobre voltar para casa?

Não é como se pudesse dizer a verdade, então vou ter que fazer isso sobre Xavier. Depois da nossa conversa, no outro dia, é a única coisa que vai comprar.

— Mais ou menos. Ficarei mais um pouco. Parece que pode haver algo aqui para mim, depois de tudo.

—E que é? Tudo isso sobre glamour? — Hailey gesticula à sua volta, com a faca e depois, corta o sanduíche ao meio. — Aqui, farei você comer alguma coisa.

— Vou sair para jantar com o Xavier.

Ela para no meio da mordida de seu sanduíche e, em seguida, abaixa lentamente.

— Jantar com ele? Depois do que aconteceu ontem à noite?

Eu me movo pelo sofá e vou para a cozinha.

—É uma coisa boa, Hail. Nós vamos começar de novo.

Dou de ombros e sorrio, esperando ver-me como alguém que acaba de perdoar o namorado, por se comportar mal. Tenho que enganá-la, assim como engano meus pais e Xavier. A verdade e eu não falam mais em termos.

Seu rosto é uma máscara, mas, a julgar pela tensão na sala, posso adivinhar o que está sentindo.

— Pensei que tivesse terminado com ele. Isso estava te empurrando muito. Que era muito possessivo.

— Eu sei, eu sei. Mas estava exagerando e ele pediu desculpas, por agir como um idiota. Ficou sentado, do lado de fora do nosso apartamento, a noite toda, Hailey. Estava preocupado que algo tivesse acontecido comigo. — Dou-lhe outro sorriso louco de "garota apaixonada". Olhe para mim, não é um pensamento na minha cabeça,

não é maravilhoso?

A raiva escurece seu rosto e me ataca.

— O que diabos está pensando, Nikki? Ele pode ser um bom rapaz, não sei. Mas está envolvido com algumas pessoas escuras. Pessoas que estão em quem sabe o quê. Quando você chegou aqui, estava convencida de que os traficantes de drogas mataram seu irmão. Esqueceu-se, que algumas dessas pessoas envolvidas nesse mundo, são as pessoas que estavam na festa, na noite passada? Pessoas, com quem Kayla saiu festejando?

Meu coração contorce, com a menção de Eli. Dou um passo atrás. Acho que não deveria surpreender-me, se

estivesse com um pouco de raiva. É muita protetora. Mas nunca foi assim.

— Hailey, eu...

— Você não conhece essa cidade como eu, Nikki. Pode ser um lugar perigoso, especialmente para pessoas que enfiam o nariz em cenas de drogas. E você mergulhou bem dentro, fazendo perguntas. Já parou para pensar no que poderia ter te acontecido? Às pessoas de quem gosta?

Quando não respondo, continua com seu discurso.

— Não te entendo, Nikki. Apoiei você em tudo que fez, desde que veio a Miami, mesmo quando achei que era um erro. Mas ficar aqui, por um homem que joga na beira desse mundo? Depois do que aconteceu com Eli e Kayla? Está colocando-se em risco e é como se nem se importassem porque está tendo um sexo incrível.

Suas palavras ardem, mas não posso dizer-lhe a verdade. Depois do que aconteceu com Kayla, quanto menos Hailey souber, melhor. Não vou deixar ninguém se machucar, especialmente ela. Tenho que vender a mentira, mesmo que isso machuque nossa amizade. Tenho que jogar a parte da

garota egoísta e estúpida, que só se importa em transar.

— É o que quero, Hailey. Quero deixar ir e me divertir, por um momento. Não posso chorar por Eli para sempre e minha investigação foi um beco sem saída. Devo aceitar que meu irmão não era quem eu pensava que era. — Conhecer a verdade sobre meu irmão, torna mais fácil dizer, mas ainda dói mesmo assim.

Hailey olha para mim e abre a boca para dizer alguma coisa, mas levanto a mão.

— Olhe, sou uma garota grande, Hailey. Posso cuidar de mim mesma. — Sai mais áspero do que pretendia. —Gosto de estar em Miami e me importo com Xavier. Quero ver onde isso me leva.

Antes que possa responder, há uma batida na porta.

Xavier.

Quando abro a porta, ele se inclina e me dá um beijo suave nos lábios. É todo sorrisos, até que percebe a expressão de Hailey, mas só hesita por um segundo, antes de acender o feitiço.

— Está linda esta noite, Hailey. É bom te ver novamente.

Ela dá uma saudação rápida, antes de se retirar do quarto. Quando passa por mim, seu rosto está ferido e confuso. Duas coisas que nunca quis que ela sentisse.

***

Quando descemos a escada para o pátio, em frente ao apartamento, Xavier coloca as mãos nos meus quadris e se inclina, para sussurrar no meu ouvido.

— Vai ser difícil manter minhas mãos longe de você.

— Suponho que sabemos o que teremos para a sobremesa. — Estou surpresa com a facilidade com que o flerte vem. O que esse homem faz comigo deveria ser um crime.

Um crime. Ótima escolha de palavras.

Quando estamos atravessando o quintal, meus sentidos captam algo fora do lugar. Parece que alguém está lá, mas quando olho ao redor, não há ninguém. Meu coração ganha velocidade, até que lembro que Barton disse que teria alguém me observando. O menino deve ser bom, se não posso vê-lo,

mesmo que saiba que está lá.

Libero a tensão, dizendo que devo aproveitar minha noite fora e o bom jantar e, afinal, conseguir informações para Barton. Xavier espera, até estarmos no carro, para perguntar o que aconteceu com Hailey, então conto a história que tinha pensado, quando chegou.

— É apenas um drama típico de colega de quarto. Estaremos bem. — Dou-lhe um sorriso, que realmente não sinto. Não tenho certeza se Hailey e eu estamos bem.

Ele pega minha mão.

— Quer falar sobre isso?

— Na verdade, não. Estou com você e quero me concentrar nisso. — Suspiro e inclino minha cabeça contra o assento.

— Alegro-me. — Ele levanta minha mão e a toca, com seus lábios macios. — Temos duas opções para o jantar hoje à noite, a escolha é sua.

Viro meu rosto para ele e levanto uma sobrancelha.

— Intrigante. Quais são minhas opções?

— Bem, reservei um bistrô italiano tranquilo e romântico. Mas, um amigo também está jantando, se quiser conhecer um pouco mais de moradores locais. Venço, porque posso mostrar a vocês dois, mas achei que daria a opção.

— Você precisa ir jantar para o trabalho?

— Não, não é um daqueles jantares. Puramente social. Não confirmei para ir ao RSVP, então, não sou forçado a passar por lá. Adoraria manter tudo para mim esta noite, mas achei que gostaria de conhecer alguns dos meus amigos, que não são membros das festas.

As instruções de Barton ressoam nos meus ouvidos. Deveria ver com quem ele interage, para onde vai. Um jantar é uma excelente maneira de ver quem são seus amigos e posso obter boas informações de lá.

— Por mais que gostaria de passar a tarde sozinha com você, acho que seria bom conhecer novas pessoas. Realmente, não conheço ninguém fora do trabalho ou das festas do clube.

Xavier cancela a reserva e nos dirigimos para Biscayne Bay.

— Alberto Baca é quem dá a festa. Está na Ilha Di Lido. Já

esteve nas ilhas venezianas?

— Não. Ouvi um dos convidados falando sobre eles, embora. Estava procurando por uma casa e reclamando de quanto os preços subiram em Miami.

Ri.

— Muito certo. A mansão de Alberto é linda. Bem na água.

— Como sabe?

— Muitas vezes lutamos um contra o outro, em leilões de arte. É uma rivalidade amigável, no entanto.

— Fazem negócios juntos?

Seu rosto parece ficar embaçado, por um segundo, mas é difícil dizer de um lado.

— Realmente não.

Ele não explica, então, não o pressiono. Nossa conversa, o resto do caminho, é principalmente Xavier apontando pontos de referência e me dando informações sobre as áreas, pelas quais passamos.

Quando chegamos à mansão, vejo o que Xavier quis dizer antes. É ultramoderno e elegante, com obras de arte para a festa. Tudo é de bom gosto e elegante. Nosso anfitrião está, impecavelmente, vestido, em um terno cinza personalizado, com uma camisa de seda lavanda e gravata. Enquanto faz suas rondas, ele não tem uma, mas duas loiras de pernas longas, com saias vermelhas, escandalosamente, curtas, atrás dele.

Alberto nota Xavier, do outro lado da sala e levanta a mão. Então me percebe e começa a me inspecionar para cima e para baixo, por todo o caminho até nós.

Mal olha para Xavier, antes de lhe dar um apertado abraço de urso.

— Meu velho amigo! Quem é essa linda deusa, que trouxe para minha casa?

— Esta é a Nicole. Nicole, gostaria que conhecesse o Alberto.

Estendo minha mão para apertar a dele, mas se inclina e leva minha mão para seus lábios. Seu beijo está um pouco molhado e segura minha mão por muito tempo, enquanto diz:

— É um prazer conhecer uma mulher adorável. Tem um

bom olho, Xavier e não apenas na arte.

Na verdade, ele pisca para Xavier. Quero rolar meus olhos, mas não faço. Um de seus capangas aproxima-se e sussurra em seu ouvido. Ele acena e diz:

— Preciso atender meus convidados. Por favor, aproveitem. Falamo-nos mais tarde, hoje à noite.

Nós nos movemos através da multidão. Xavier vê algumas pessoas que conhece e me apresenta. Trabalho com tanto cuidado para prestar atenção em nomes e rostos, que não tenho certeza se pareço agradável. De qualquer forma, são bastante intimidantes. Sei que Xavier vai pensar que estou nervosa. Estou, mas por razões completamente diferentes.

É interessante vê-lo trabalhar em uma multidão. Seu charme está em pleno vigor, mas não precisa disso. Posso dizer que ele é muito amado e respeitado entre essas pessoas. Eles o veem como um deles, um igual. Mas não há um pingo de medo, mesmo entre aqueles que parecem tão intimidantes. Se ele fosse o chefe, certamente, alguém nesta festa saberia. Veria medo em seus olhos. Está mentindo para todos também?

Xavier se envolve em uma conversa com uma mulher, que administra uma companhia de teatro local e me dá licença para usar o banheiro. Tenho que mandar os nomes para Barton, antes de esquecê-los.

Quando fecho a porta do banheiro, sinto que, finalmente, posso respirar. Inclino-me contra o balcão e fecho os olhos por um segundo. Quando os abro, vejo ao redor. Até este lugar é moderno. Os acessórios são muito elegantes, europeus e a pia é um recipiente de vidro, em cima do balcão de mármore branco. Sinto que estou em um spa ou algo assim.

Envio o texto e, em seguida, molho uma das toalhas descartáveis com água fria. Pressiono-o gentilmente no rosto, para não estragar minha maquiagem e depois passo pela parte de trás do pescoço, deixando-o tranquilizar e acalmar meu coração acelerado.

O zumbido do meu telefone faz-me pular e minha mão voa para o peito, em resposta.

É de Barton:

**Continue assim. Bom trabalho.**

Limpo as mensagens e dou uma última olhada no

espelho, antes de voltar para a festa.

Quando entro no corredor, noto uma porta aberta em frente ao banheiro, a qual não prestei atenção, no caminho. Prateleiras de livros, em cada centímetro da parede, que eu possa ver. Deve ser um escritório. Não vi ninguém neste andar, no meu caminho e ninguém está perto agora. Decido dar uma olhada, embora, parte de mim pense que é a pior ideia da história. Não preciso ser pega espionando esse tipo assustador de escritório.

Fecho a porta atrás de mim, então, pelo menos terei um pequeno aviso, se alguém vier. Uma escrivaninha grande fica do lado oposto da sala e vou até lá. Abro duas gavetas e não consigo encontrar nada, exceto material de escritório. O terceiro ganha o prêmio, no entanto.  Acho muitos arquivos. Cada arquivo tem um nome, principalmente empresas de navegação e nomes baseados em importação / exportação. Um dos arquivos tem o nome de Xavier. Ele disse que não faziam negócios juntos. Por que Alberto tem um arquivo sobre ele?

Quando estou prestes a abri-lo, ouço vozes no corredor. Congelo.

As vozes estão chegando. Não posso ouvir o que estão dizendo, então devem estar sussurrando. Tudo o que posso dizer é que pertencem a um homem e uma mulher.

O que acontecem se entrarem aqui? Coloquei o arquivo de Xavier de volta em lentamente, fechei a gaveta, esperando que o barulho não fosse ouvido no corredor. Soa como um canhão, indo para meus nervos petrificados.

— Não!

A voz vem da frente da porta e quase saio da minha pele. Não há para onde ir. Se a pessoa entrar aqui, acabou.

O pânico aumenta. Pense rápido. Por que eu vim aqui?

A maçaneta da porta vira e sei que estou fodida.

# CAPÍTULO QUATRO

Meu coração bate tão forte, que me preocupo que a pessoa do lado de fora possa ouvir. Olho em volta, freneticamente, como se uma escotilha de escape fosse aparecer no meio do escritório, como por magia. Mas quando a porta se abre um pouco, lembro o que Barton me disse. Se tiver problemas, use a história da tia doente.

Sento-me no meio da borda da mesa, de costas para a porta e coloco o telefone no ouvido. Deus, espero que isso funcione. Se não, terminarei, antes mesmo de começar.

— Então, o que o médico realmente disse? — Estou sem fôlego, do estresse de interpretar o espião, mas também combina bem com a sobrinha estressada.

Paro, como se estivesse recebendo uma longa lista de termos médicos e libero um "uh-uh" e um "está bem", para fazer parecer real.

Depois de tempo suficiente para ouvir o relatório imaginário do médico, pergunto:

— Está bem? Precisa de algo? — As palavras de Xavier para mim, antes, foram úteis.

Alguém entrou, definitivamente. Sinto sua presença, como um peso no ar. Eu me pergunto se é Alberto ou alguém que tenta espioná-lo. Meu coração bate forte.

Não quero prolongar minha cena mais do que já fiz, então, fico em pé e passo minha mão atrás do meu pescoço, enquanto termino a chamada imaginária.

— Mantenha-me informada. Eu te amo.

Ajo como se tivesse desligado o telefone e ficado de costas para a pessoa na porta.

— Tudo está bem? — A voz do Alberto tem uma pequena vantagem.

Faço uma máscara de preocupação no rosto e me viro, para encará-lo.

— Ainda não tenho certeza. Minha tia está doente.

Ele me estuda por um momento e depois atravessa a sala, até uma pequena mesa, montada como um bar. Despeja um dedo de bebida em um copo.

— Notícias tristes?

Alberto me olha de cima a baixo e segura o copo.

— Parece que precisa disso.

É escocês, somente. Minha bebida menos favorita. Mas aceito mesmo assim. Olho para o quarto, como se estivesse percebendo o que me cercava.

— Não foi minha intenção interferir no seu espaço. Só queria um lugar privado para a chamada. Espero que não esteja com raiva de mim.

— Sim, bem. Fazemos o que devemos.

Ele olha para mim por tanto tempo, que me deixa muito desconfortável. Vai suspeitar de algo? Ele ficará zangado, porque estou em seu escritório? Sinto que o que fiz está escrito no meu rosto, então, fico aliviada, quando sorri para mim.

— Você é bem-vinda ao meu espaço, a qualquer momento, embora eu prefira em... ...condições mais felizes.

Seu sorriso transforma-se em uma risada, quando olha para mim e isso é tudo que posso fazer, para evitar que minha

raiva apareça. Sei que pareço atraente, meu vestido preto abraça cada uma das minhas curvas perfeitamente, mas isso não significa que eu queira que me escaneie, como uma máquina de raio X.

Rio do seu comentário e tomo um gole do licor. Queima como o inferno, mas tira meus nervos.

— É melhor eu voltar.

Quando ando longe dele, para sair pela porta, coloca uma mão em meu braço.

— Espere.

Deixa a mão demorar, então, desliza para minha cintura. Cerro meus dentes e tensiono o corpo. Realmente, não preciso lidar com um homem pervertido agora.

— Vamos, Nicole. — Ele coloca a mão contra as minhas costas e me guia até a porta. — Xavier vai pensar que estamos ficando muito familiares, se não te levar de volta agora.

Xavier olha para mim, curiosamente, quando me vê andando com Alberto.

Como vou manter isso, até encontrar informações

suficientes? Foi difícil o bastante mentir para um estranho. Será um milhão de vezes pior, com Xavier.

— Olhe quem encontrei, escondendo sua beleza da festa. Precisa ficar atento com ela, Xavier.

Alberto solta uma gargalhada estrondosa, que provoca risadas em várias pessoas próximas. Estou tentando descobrir o que disse ser engraçado.

— Está tudo bem, Nikki? — Xavier pergunta.

Aceno e olho para baixo, dando-me um segundo para me recompor.

— Tive que atender uma ligação, que precisava de um pouco de privacidade.

O sorriso que dou a Xavier é para tranquilizá-lo, mas sinto como se todos meus pensamentos fossem transmitidos através do meu rosto. Espero que alguém me pegue na mentira, embora não tenha certeza de como saberiam. Meu estômago agita-se com preocupação e poderia jurar que está ficando cada vez mais difícil respirar, na sala lotada.

Uma bandeja cai, em algum lugar próximo e estremeço.

Quando olho em volta, sinto como se todos na sala estivessem olhando para mim. Mas a única pessoa que deveria estar me vendi, está focada em outro lugar. Xavier olha para Alberto, que ainda demonstra muito interesse em mim.

Xavier vê a mão de Alberto nas minhas costas e franze a testa. Avança e agarra o ombro de Alberto.

— Obrigado por trazê-la de volta, mas vou levá-la para casa. — Creio que foi além do dever de uma namorada, esta noite, vir aqui e conhecer toda a sua gente.

Alberto deixa sua mão ficar, muito tempo depois de Xavier parar de falar e a tensão aumenta ao nosso redor, enquanto eles mantêm seus olhos travados um com o outro.

Finalmente, Alberto se vira para mim e diz:

— Foi um prazer conhece-la, Nicole. Espero que sua tia se recupere em breve.

Sinto como se a multidão próxima respirasse, coletivamente.

— Obrigada, Alberto e obrigada por me receber em sua casa.

— Volte quando quiser. Com ou sem Xavier.

Ele sorri largamente, antes de, finalmente, retirar a mão e voltar para sua multidão de admiradores. O lugar onde me tocou por tanto tempo, sente que sua ausência é como um peso que foi levantado, mas juro que ainda posso sentir isso em mim. Como um fantasma flutuando atrás de mim. Olhando para mim, Xavier precisa se despedir de algumas pessoas, então espero por ele na porta. Não suporto segui-lo, para dizer adeus.

Especialmente, quando sinto que todos olham para mim. Sei que estou sendo paranoica, mas traficantes de drogas e cadáveres fazem isso em uma pessoa.

Minha mente gira com o quão perto estava. Estou tão fora de alcance aqui, que nem sei mais o que estou fazendo. Sei porque comecei tudo isso, porque me mudei para Miami. Foi por causa de Eli. Ele precisava de um fechamento e queria limpar seu nome. Mas se envolver com um possível criminoso e espioná-lo? Tendo reuniões secretas com agentes da DEA?

Revistando gavetas, criando histórias, para evitar ficar

presa? Não me inscrevi para isso. É muito perigoso.

Quando Xavier se junta a mim na porta, pega minha mão e beija minha têmpora.

— O que está acontecendo com sua tia? Você está bem?

— Eu só pude falar com meu tio por alguns minutos. Eles estão fazendo testes. — Olho nos olhos dele. Não estou mentindo agora. Não quero pensar sobre isso, hoje à noite.

Demoro cerca de dois minutos para perceber, que Xavier não está me levando para casa ou indo ao resort. Ainda não conheço muito Miami, mas sei o suficiente para isso. F o melhor que posso para esconder o pânico. Suspeita de algo? E se a coisa da tia falsa o fizer suspeitar?

— Aonde vamos? —Tento o meu melhor para parecer despreocupada e feliz.

Xavier sorri, mas mantém os olhos na estrada.

— É uma surpresa. Aqui. — Ele tira a mão da minha coxa e pega um pedaço de pano preto do porta-luvas. —Coloque isso.

— Uma venda? — Meu estômago desce e uma onda de

náusea passa por mim. Vai me torturar por informações? Para me matar? — Tenho que fazer? —Minha voz é hesitante.

— Insisto. — Juro que seus olhos escurecem um pouco. Move os dedos até o interior da minha coxa e toca minha boceta. Com um dedo, toca-me. — Isso vai melhorar a surpresa.

Coloquei a venda. O cetim preto cobre meus olhos tão bem, que até a luz não aparece. Estou presa na escuridão completa. Normalmente, isso me excitaria, pensando no motivo pelo qual Xavier precisaria de uma venda nos olhos. Aprecio a sensação de ar fresco em minha pele, durante a condução e o calor das mãos de Xavier em mim, provocando meu clitóris, através da calcinha. Mas meu medo e preocupação aumentam, quanto mais estamos no carro. Não posso evitar a reação física do meu corpo, a boceta, definitivamente, responde ao seu toque, mas, mentalmente, estou desprotegida, preparando-me para o que vai acontecer a seguir.

Quando o carro para e Xavier desliga o motor, sei que estamos perto da água. Posso ouvir o oceano e provar o sal no ar. Respiro fundo e tento deixar que o ambiente me acalme,

mesmo que não possa ver. Sempre posso tentar fugir, mas duvido que vá muito longe. Se este for meu último momento lá fora, vou pegar tudo.

Xavier, gentilmente, pega meu braço e me leva para frente. Não ser capaz de ver para onde estou indo, torna meu medo ainda pior. Mas, entre o cheiro do oceano e as tábuas de madeira, que cedem um pouco debaixo dos meus pés, posso dizer que estamos em algum tipo de doca ou marina.

— Estamos quase lá, diz Xavier. — Acho que vai gostar da surpresa.

Tem sangue frio para acompanhar o estratagema, mesmo agora?

A escuridão sob a venda, realmente me afeta. Continuo abrindo meus olhos, como se algo, na minha situação, tivesse mudado. Mas ainda não consigo ver nada e isso atrapalha meus sentidos. O que acontece se, simplesmente, tirar a coisa? Que vai fazer?

Pessoas de olhos vendados devem ser sexys, não assustadoras. Neste momento, sexy é a coisa mais distante da minha mente. As mãos de Xavier costumam enviar arrepios de

prazer pelo meu corpo. Agora, elas enviam medo. Sinto como se estivessem queimando minha pele.

Paramos e uma das mãos de Xavier me deixa. No entanto, isso não me dá alívio.

— Vou te ajudar a dar um passo à frente e depois, dois passos abaixo. É um pouco instável, então se apoie em mim.

Não posso responder. Meu coração ameaça explodir. Não deveria ter entrado no carro.

Xavier me ajuda com os passos e preciso me apoiar nele. Agora, tocá-lo é a última coisa que quero, mas é isso ou cair. Sinto-me impotente, com meus olhos vendados. Como uma garota perdida.

Vou para um assento. Sinto a almofada fina dar lugar ao meu peso. Ele se afasta de mim e, depois de alguns momentos, ouço o motor dar partida.

— Não vá a lugar nenhum.

Ouço a diversão em sua voz e isso me dá arrepios. Até o osso. Ele está gostando disso. Mexendo comigo. Tudo o que posso fazer é seguir o jogo.

O barco se afasta da doca. Em questão de minutos, estamos fora da baía, da marina, de qualquer coisa e em mar aberto.

Não tenho poder para impedir o que está prestes a acontecer. Ninguém vai me ver de novo. Ele só vai jogar meu corpo em algum lugar do oceano, o que, provavelmente, aconteceu com Eli e com Kayla, enganou os dois.

Quando o barco desacelera, meus pensamentos ainda estão girando. Meu corpo já tenso, torna-se mais. A velocidade da minha respiração aumenta e tenho certeza que terei um ataque cardíaco e arruinarei qualquer plano que tenha para mim. Essa é a pequena satisfação que posso obter.

Paramos e Xavier desliga o motor. Seus sapatos batem no chão do barco, enquanto caminha em minha direção. Cada passo soa como uma bomba, explodindo no meu cérebro. Talvez eu possa empurrá-lo sobre a borda do barco. Talvez não consiga nadar. Talvez seja uma ideia muito estúpida.

Sinto a mudança no ar, quando se inclina sobre mim. Estou completamente congelada, prendendo a respiração. Ele desliza os dedos pela minha bochecha e, em seguida, alcança a venda.

Pisco, quando remove. Quando meus olhos se ajustam, vejo o entorno. Estamos em uma lancha, no meio do oceano. A lua está cheia e as estrelas cobrem o céu, com pontos brancos. Mesmo se gritasse, as pessoas mais próximas estão a quilômetros de distância.

— Sabe por que te trouxe aqui? — Para alguns metros à minha frente, vendo-me recuperar os sentidos.

Falar parece impossível, então nego. Estou surpresa que possa fazer isso. Meu corpo parece estar trancado em cimento, mantendo-me cativa.

— Toda a noite, tudo que queria fazer era ficar sozinho. Afastar-me de todos e de tudo, para me concentrar apenas em você.

Meu coração acelera ainda mais, com as palavras. Tem planejado isso a noite toda? Antes do telefonema? Antes de me levar para jantar? Quando começou a planejar? Como alguém age amável e romântico, quando planeja mata-lo? Ele é tão sangue frio e implacável, como Barton disse?

Estou tão consumida pelos pensamentos, que voam pela cabeça, que não registro quão próximo Xavier está. Está a

centímetros de distância, elevando-se acima de mim, quando me sento no banco. Dominante.

Ele se inclina perto do meu ouvido e sussurra:

— Estive pensando em te penetrar a noite toda.

Meu cérebro parece estar em curto. Não posso processar suas palavras. Ele disse que iria me matar ou que iria me penetrar?

Xavier se move, para sentar ao meu lado no banco e vira meu rosto para ele.

— Não conseguia tirar os olhos de você, mesmo quando deveria prestar atenção em outra pessoa. Minha mente continuava imaginando-me remover este vestido do seu corpo.

Seu dedo desliza sob a alça do vestido e acaricia meu ombro. Meu corpo treme, mas não só por causa do seu toque. O alívio inunda cada célula e a sensação é tão intensa, que é como ter um orgasmo.

Ele não quer me matar, só quer fazer sexo comigo.

E assim, a adrenalina que flui através de mim, precisa de

uma fuga. Minha hesitação e a dor da morte de Eli desaparecem, momentaneamente.  Quero devorá-lo.

— Quando Alberto colocou as mãos em você, fiquei louco. Queria bater nele e então, jogar-te em uma sala e te fazer gozar.

— Então me sequestrou? — Ri levemente. O segredo, a bandagem, os comentários... tudo faz sentido agora. Sinto-me ridícula, por pensar em outra coisa.

— Mmm hmm. Que lugar melhor para fazer sexo, do que ao ar livre, sem ninguém por perto para ouvir? Sem inibições. Quero ouvir você gritar de prazer, Nicole.

A necessidade de tocá-lo é avassaladora, e antes que perceba o que está acontecendo, minhas mãos estão nos botões de sua camisa para abri-las. Sua boca esmaga a minha e sinto que vou explodir, da necessidade de tê-lo dentro de mim. Quero que me penetre, até que todas as razões pelas quais não devo fazer isso, tenham acabado.

Sua pele está quente ao meu toque, enquanto corro meus dedos sobre seus peitorais e até seu abdômen rígido. Estou distraída, por um momento, com os dentes dele escovando

meu pescoço, mas consigo puxar a camisa de sua calça. Luto com a fivela do cinto, enquanto empurra as alças do meu vestido e puxa meus seios, para sugá-los. Sua língua brinca com meu mamilo direito, eto seus dedos apertam o esquerdo. Renuncio a qualquer tentativa de remover o cinto dele, naquele momento.

Xavier me empurra para o banco e levanta meu vestido. Ele se ajoelha sobre mim e levanta minhas pernas, enquanto tira a calcinha de renda preta. O ar da noite bate em minha boceta molhada e envia um choque. Palpito, com a necessidade de ser preenchida por ele. Isso me enche tão perfeitamente. Como pode ser ruim, quando se sente tão bom pra caralho?

Minha boceta fica mais molhada a cada segundo, enquanto beija o interior das minhas pernas. Amassando e esfregando meus seios, minha luxúria aumenta ainda mais. Xavier engancha uma das minhas pernas na parte de trás do banco e a outra, por cima do ombro, estendendo a mão para me expor. Arqueio novamente, puxando-o para mais perto e ele desliza as mãos sob minha bunda, segurando-me e trazendo minha boceta ao nível da boca.

Sua língua entra e gira ao redor, fazendo-me gemer de prazer. Enterra seu rosto mais profundo, lambendo e chupando, deixando-me em um frenesi. Movo-me e gemo, esmagando meus seios com minhas mãos e beliscando os mamilos com tanta força, que dói, mas até a dor é boa.

Devastou minha boceta com a língua, amassou minha bunda e me puxou para ele. Está me penetrando com a língua, moendo-me contra o rosto. É demais, mas não quero vir. Temo que, se o fizer, vou me perder nisso e deixar a verdade escapar, contar-lhe tudo.

— Penetre-me, Xavier. — Minha voz é áspera, cheia de luxúria. — Quero seu grande e grosso pênis, preenchendo cada centímetro de mim.

Ele para e sorri, então, lentamente, passa a língua na minha boceta uma última vez. É tão sordidamente quente, que quase me perdi.

Minhas pernas tremem e ele me ajuda a levantar. Subo de quatro no banco e arqueio as costas, mostrando-lhe minha bunda e boceta. Suas mãos deslizam sobre mim e tremo, quando minha carne parece arrepiada. Ele pega minhas nádegas e me abre bem aberta, carregando uma nova onda de

luxúria incontrolável. Puxa-me para ele.

Olho por cima do seu ombro e está completamente focado no meu corpo, tomando cada pedacinho com os olhos, enquanto suas mãos vagam. Não acho que ele poderia parecer mais sexy do que antes, mas vê-lo apreciar meu corpo, faz-me apreciá-lo mais.

Ele percebe que estou olhando e sua expressão é cheia de desejo e necessidade. Nossos olhos se encontram e ele corre a ponta do dedo entre minhas nádegas. Um gemido involuntário escapa-me. Não deveria ser tão bom estar com ele. Não deveria querer tanto assim.

Quando chega na minha boceta, acrescenta mais dois dedos. Eles entram devagar. Estou tão molhada, que deslizam facilmente. Ele os empurra para dentro e para fora algumas vezes, e luto contra eles. Sacode meus sucos ainda mais, então quando remove seus dedos, estão muito molhados. Minha boceta lateja. Ainda querendo ser preenchida, embora saiba o que ele tem em mente.

— Sei que sua boceta me quer, mas, e aquela bunda doce sua?

— Mmm — gemo. Estou além de todos os pensamentos.

Xavier volta sua atenção para minha bunda e rodeia minha abertura com os dedos. Esfrega os nervos tensos, colocando pressão na abertura e a lubrificando com meus sucos e os seus. Estende a umidade ao longo da minha abertura e no meu buraco.

Parece tão sujo e bom. Antecipação está me matando.

Ele está atrás de mim e agarra meu quadril com a mão, enquanto guia a ponta do pênis para dentro da minha abertura. Empurra levemente e ofego, com a pressão ilícita.

Ele pega sua mão, movendo-a para minha vagina, massageando o clitóris, enquanto desliza, lentamente, em minha bunda.

É quase demais.

—Vou penetrar sua bunda Nicole e você vai adorar. — A voz de Xavier é dominante, controladora e, portanto, incrivelmente sexy.

Posso sentir-me encharcada. Estou no limite, pronta para dar esse passo.

Ele continua esfregando o clitóris, enquanto meu corpo se ajusta à sua circunferência, não posso esperar para senti-lo completamente dentro de mim.

Ele tira a mão do meu clitóris e me dá um tapa na bunda, e então começa a bombear em mim, lentamente, no começo, um movimento para sair e entrar. Leva mais umidade da minha vagina e lubrifica seu eixo. E então, empurra novamente. Queimando, mas o calor se espalha e me sinto estremecer. Estou respirando mais rápido e então ele começa a empurrar mais e mais rápido.

Dói muito. Gemo.

Ele me bate de novo e o choque faz-me estremecer de prazer. Posso sentir a pressão do seu pau no meu traseiro, apertando minha vagina pelas costas. A acumulação é intensa e parece tão boa.

Ele geme de prazer e o som de sua necessidade crua envia novas ondas de intensidade, através do meu corpo.

Misericordiosamente, retorna a mão ao meu clitóris, jogando com a mão, enquanto continua a penetrar minha bunda.

— Você é tão apertada Nicole. Nunca penetraram você assim, certo? — sussurra.

É certo. Nunca me penetraram assim e amo isso.

Sou atraída por ele e me penetra, até que eu possa ouvir sua respiração ficar agitada. Ele virá e eu também.

Ele se inclina no meu ouvido.

— Vou gozar na sua bunda, Nicole.

Amo como soa, tão cheio de desejo e luxúria.

Gemo de acordo e, com mais três investidas, vem. Ele fica em mim e sinto os espasmos do seu pênis. Lentamente se retrai e sinto o gozo escorrer por trás das minhas pernas.

— Você é incrível, Nicole. Vem aqui.

Ele deita no banco, puxando-me em direção a ele, para que seu rosto esteja debaixo da minha boceta. Agarra-me pelos quadris, puxando para seu rosto.

— Foda minha boca, Nicole — ordena.

Não preciso pensar duas vezes, movo-me em sua boca e, enquanto lambe e me chupa, me puxando para seu rosto, a

intensidade vem num crescendo e finalmente explode.

Meu corpo treme e tem espasmos de prazer e caio à beira do banco, por pura exaustão. Xavier se move, então, estou aconchegando-me nele.

Nunca tive um orgasmo assim e não quero que seja o último. Isso está ficando perigoso. Ainda estou determinada a descobrir o que está acontecendo, mas estou ficando muito perto de me preocupar se Xavier é o chefe ou não. Quanto mais tempo isso durar, mais difícil será deixá-lo, se estiver errada sobre meus instintos.

# CAPÍTULO CINCO

Depois do meu orgasmo devastador, no barco, fico aliviada e chateada, quando Xavier está muito ocupado com o trabalho para passar algum tempo comigo, por alguns dias. Por um lado, é bom que não tenha que mentir para ele ou me preocupar em deixar algo sair. Por outro lado, meu corpo quer mais orgasmos assim e meu vibrador, simplesmente, não está fazendo o trabalho. Acrescente a isso o fato de que não consigo obter nenhuma informação, se não o vejo.

Barton não ficará feliz com minha falta de progresso, mas não é como se pudesse forçar Xavier a me ver. Ele deixou bem claro o quanto se arrependeu de ter se programado tanto. Só vou ter que explicar isso para Barton e terá que lidar com isso.

Corro pelo shopping então, não vou me atrasar para o encontro com ele. Isso, provavelmente, só vai deixá-lo mais bravo. A cada poucos minutos, no entanto, tenho que me virar e ter certeza de que ninguém está me seguindo. Sei que estou sendo ridícula, mas, constantemente, sinto olhos em mim. Já

estava paranoica com isso, especialmente, porque Xavier me encontrou em algum lugar, mais de uma vez e agora Barton tem, pelo menos, uma pessoa me seguindo também.

Sinto que estou vivendo em um romance de espionagem. Sou apenas a pior espiã que já existiu.

Uma mulher, perto da escada rolante, é muito familiar para mim, então vou para a direita, quando deveria ir para a esquerda. Vou ter que fazer um círculo em outra direção. Para desviar a atenção, paro num quiosque de café e bebo uma garrafa de água. Enquanto espero para pagar, assisto meus arredores.

Quinze metros de distância, um homem da minha idade está sentado em um banco, olhando para as pessoas. Ele me pega assistindo e sorri. Vou embora, examinando a área próxima. Quando olho para trás, seus olhos ainda estão em mim. Permite que eles fiquem e entro em pânico um pouco. E se visse Barton? O que acontece, se decifrar tudo? Mas então, uma morena alta e de pernas longas aproxima-se e o beija com entusiasmo, antes de descer as escadas, com todos seus pacotes.

Ótimo. Agora, tenho que me preocupar com todo cara

que me verifica, para ser um matador de aluguel ou algo assim?

Rodeio, para voltar ao lado do shopping onde preciso estar. A livraria fica logo à direita e examino a área. Ninguém atrai minha suspeita, então, vou para a loja e, rapidamente, caminho para a parte posterior. Eu me encontro com Barton na seção de autoajuda, que finge ler um livro com um título que inclui as palavras "Atenção total" e "felicidade", exatamente as palavras opostas que associaria com Barton. Ele é o cara mais intenso e intimidador que já conheci e não perde tempo lembrando-me disso.

— Lamento que cheguei atrasada, havia pessoas...

— O que descobriu?

— Não vejo Xavier desde a noite da festa e você tem essa informação. — Mencionei o iate rápido e sua localização, em um texto posterior. Não mencionei o que aconteceu lá.

Bate o livro em uma mesa ao nosso lado.

— Não vê-lo por alguns dias, não é uma boa maneira de chegar perto dele, Nicole.

— Eu sei. Ele está ocupado com o trabalho, no entanto e me disse que não poderia me ver até amanhã à noite

Barton olha para mim e cospe as palavras, com os dentes cerrados.

— Não é aceitável. Ligue para ele. Envie-lhe uma mensagem de texto. Lide com a merda lá. Não me importo como vai fazer para te ver, apenas faça isso.

Sua voz elevada deixa nos com um olhar irritado de um dos vendedores, no final do corredor. Eu me sinto como uma garota quieta na biblioteca.

Viro-me para ele e dou o meu próprio olhar.

— Forçando-o a me ver, quando me disse que não pode, simplesmente vai deixá-lo com raiva. E ele, provavelmente, também ficará desconfiado, se eu fizer muitas perguntas.

Barton espera que o empregado volte para a frente. Ele me empurra para o canto, perto da saída de emergência.

— Nós não temos tempo para isso, garotinha. Estou trabalhando para conseguir outro, dentro do seu círculo interno, mas o cara estará morto, se Xavier descobrir. Observa

atentamente seu pessoal. De você, ele não vai suspeitar.

Levanto minhas mãos e ando na frente dele.

— Nem sei o que devo procurar. Isto é demais. Vejo espiões em todos os lugares e estou paranoica que vai me matar. Não sou a pessoa para este trabalho.

Os olhos de Barton brilham e ele me agarra pelos braços com tanta força, que estremeço. O olhar, em seu rosto, só pode ser descrito como raiva.

— Preciso te lembrar o que está aqui? Tenho que te lembrar o que ele fez com seu irmão e sua amiga?

Isto é demais.

— Olhe, sei o que está em jogo. Esse é o problema. Não vou tê-lo me matando, por você.

Sua expressão muda abruptamente e ele concorda.

— Tem razão. Não quero colocar você em perigo. — Ele suga profundamente e passa a mão sobre a cabeça. —Ok, temos algumas informações que mantêm dois conjuntos de arquivos do seu negócio, para que possa acompanhar todo o dinheiro, mesmo que apenas relate algo. Não sabemos se está

em sua memória ou armazenado em outro lugar. Faça o que puder, por agora e copie os arquivos, se tiver chance. Eu lhe darei mais informações, quando puder.

Copie seus arquivos de computador? Foi isso que ele pediu a Eli para fazer? É por isso que Eli foi apanhado?

Eu estou saindo, antes de Barton fazer isso, apenas no caso de alguém estar me seguindo. Enquanto ando de volta pelo shopping para o carro, meus braços ainda pulsam de onde ele me agarrou e me segurou. Estou começando a me perguntar se seguir o chefe fez Barton quase tão monstruoso, quanto o objetivo em si.

Estou tão chocada, que levo cerca de cinco minutos para perceber que perdi a saída para meu apartamento e estou prestes a sair para ir ao redor do resort.

A única pessoa que quero ver agora é a única pessoa que não deveria.

Decido enviar mensagens de texto, em vez de ligar. Se ele for receptivo para me ver, dirá isso. Caso contrário, será mais fácil rejeitar alguém por texto. Imagino que, de alguma forma, o destino esteja no controle do que acontecerá a seguir. Só

tenho que continuar com isso.

Então, mentalmente, bati-me, por usar isso como uma desculpa para contatar Xavier.

**Já sente minha falta?**

Sua resposta chega em segundos.

**Comecei a sentir sua falta no minuto em que te deixei, na outra noite.**

**Então, durante o primeiro minuto, não sentiu nada?**

Não posso deixar de rir, enquanto escrevo. É muito mais fácil flertar por texto.

**No primeiro minuto, debati se deveria voltar para seu apartamento. Bem jogado, provocadora.**

Não há resposta um minuto depois, então, mandei uma mensagem de volta.

**Você ainda está ocupado com o trabalho?**

**Mais ou menos. Se está livre, venha me encontrar. Vou enviar uma mensagem de texto com o endereço.**

O endereço que ele envia leva-me a uma parte de Miami, que nunca tinha visto antes. Os edifícios tornam-se mais negligenciados, quanto mais entro. Quando mais lojas aparecem, minha preocupação aumenta. Por que está trazendo-me aqui? O oceano, iluminado pela lua, era um lugar romântico; isso não é.

Minha paranoia não me ajuda, quando um carro parece

me seguir. Um sedan cinzento, que grita "problema do governo". Claro, poderia ser um dos meninos de Barton, mas como ele saberia? O que acontece, se for outra pessoa? Quando o carro, finalmente, para na estrada principal, volto a respirar.

Finalmente, os edifícios industriais dão lugar às casas e relaxo um pouco. É um bairro de baixa renda, mas é claro que as pessoas que moram aqui têm orgulho de mantê-lo agradável. As casas foram pintadas, o gramado dos pátios cortados e há flores nas entradas e as ruas estão limpas. Entristece-me ver que a maioria das casas também têm grades nas janelas.

O GPS me leva a um prédio, que diz "Centro Juvenil", do lado de fora. Checo o endereço. É o caminho certo. Por que Xavier quer que o encontre aqui? Está pensando em comprar o prédio ou algo assim?

Paro no estacionamento e tenho certeza de que um de seus carros está lá, com o chofer lendo uma revista, no banco da frente. Ele me percebe e acena com a cabeça.

Dentro do prédio, crianças de todas as idades e raças estão envolvidas em diferentes ocupações. Alguns estão

sentados em poltronas, completamente absorvidos em livros. Alguns estão trabalhando duro para desenhar. Vários se aproximam de alguns computadores. Espero que estejam focados em jogos ou vídeos, mas quando vou ao balcão de check-in, percebo que eles estão aprendendo Photoshop, com uma pessoa mais velha.

A mulher, sentada na mesa, olha para cima, quando me aproximo. Ela me dá um grande sorriso e diz:

— Você é Nikki?

— Como...

— Xavier mencionou que, provavelmente, viria. Só preciso do seu ID para nossos registros e então, vou te dizer onde pode encontrá-lo.

— Claro. — Tiro minha carteira e dou minha licença. — Você conhece Xavier há quanto tempo?

—Há vários anos. Recentemente, aceitou um lugar no nosso Conselho de Administração.

Levanto minha sobrancelha. Isso foi inesperado.

— Não tinha ideia.

Ela devolve minha licença e se inclina, como se estivesse me contando um enorme segredo.

— Ele nunca lhe dirá isso, porque não gosta de se gabar, mas é por isso que ainda estamos abertos.

— Como é isso? Estou super curiosa agora.

— Descobriu que o centro perdeu fundos estatais. Doações, simplesmente, não eram suficientes e não havia tempo para se candidatar a bolsas de estudos ou qualquer coisa assim. Teríamos que fechar.

— Isso é terrível! Estou aqui há cinco minutos e posso ver como é bom, para que essas crianças tenham acesso.

A mulher acena com a cabeça.

— Xavier criou um fundo para nós. Ele o recebe de eventos de arrecadação de fundos, faz com que as empresas nos patrocinem e incentiva seus funcionários a doarem tempo aqui, com as crianças. Ele faz muito por nós.

— Uau. — Estou sem palavras. Essa é a última coisa que esperava descobrir sobre ele.

— Exatamente. — Ela sorri amplamente e nega,

enquanto me dá um crachá de visitante. — Um homem tão maravilhoso. Está jogando basquete com algumas das crianças, agora. Através daquelas portas e para a esquerda, no fim do corredor.

Agradeço e uso o crachá. Estou quase na porta, antes que ela diga meu nome e me viro.

— Ele é absolutamente louco por você, sabe.

Eu lhe dou um olhar confuso e ela ri.

— Está escrito em todo o rosto, quando fala sobre você, querida. É uma mulher com muita sorte.

***

A mulher estava certa sobre uma coisa. Xavier está jogando basquete com um grupo de crianças, quando entro no ginásio. Eles variam em idade, provavelmente entre dez e dezoito anos. Um grupo de crianças mais novas joga no outro extremo da quadra, mas a bola é grande demais para a maioria.

Ele não me percebe no início, então me dá tempo para ver como interage com as crianças quando não percebe

alguém à espreita. Está aberto para eles, conversando e rindo, compartilhando. Pode-se ver que vê essas crianças regularmente. Pergunta sobre os problemas atuais que têm e eles atualizam suas qualificações e suas famílias.

Quanto mais tempo passo com ele, mais estou convencida de que algo não está certo. Barton diz que tem informações que levam a Xavier, mas, e se alguém está colocando Xavier em um ponto, para levar a culpa? Tenho certeza de que Barton confia em algumas pessoas sombrias para obter informações e parece provável que o chefe queira que o DEA fique em círculos.

Eu poderia imaginar o mentor de um criminoso, dando grandes somas para caridade e estabelecer uma base de algum tipo. Participar da comunidade desse modo, dar-lhe-ia legitimidade, tornando-a menos suspeito, mesmo que a evidência aponte para seu endereço. Além disso, mesmo as pessoas mais implacáveis do mundo têm pessoas que se preocupam com elas, apoiam uma causa que as afeta, ou fazem com que uma pessoa amada faça sentido.

Vi um filme, onde um grande sujeito, associado a drogas, está em um centro de juventude, para poder usar crianças

como corredores. Faz sentido, porque isso poderia ser atraente. Mas vem ao centro regularmente? Conhecer as crianças assim? Jogar basquete com eles? Que tipo de criminoso faz isso?

Essas são as coisas que passam pelo meu cérebro, quando Xavier, finalmente me vê. Um grande sorriso se espalha em seu rosto, o que faz meu estômago tremer. Pega a bola e me chama para vir e corro até à quadra. Coisa boa que hoje uso sapatos de sola macia.

O beijo de Xavier na minha bochecha, atrai riso da multidão.

— Pessoal, esta é a Nikki.

— Olá, Nikki!

As crianças tentam dizer em uníssono, mas fracassam miseravelmente. São adoráveis.

— Olá a todos. É um prazer conhecê-los.

Um dos rapazes grita:

— Você é namorada dele? — Ele faz todo mundo rir de novo. Estou um pouco perdida, quanto ao que dizer, mas

Xavier salta imediatamente.

— Sim, Anthony. — Chega até mim e pega minha mão na dele. — Nikki é minha namorada.

Outra criança diz:

— Isso é muito ruim, porque ela é atraente! — O garoto dá uma piscada para mim, fazendo o rugido subir na multidão. Todos falam uns com os outros, rindo e perguntando a Xavier o que fará, com relação a esse desafio à sua masculinidade.

Xavier revira os olhos.

— Sim, é, definitivamente, atraente. Mas, Marco? Se disser isso, sobre minha namorada, novamente, vamos ter um problema.

Ele e Marco se encaram, ameaçadoramente, por cerca de quinze segundos, antes de se dissolverem em risos. Eles batem um no outro, nas costas.

Mas a zombaria de Xavier ainda não acabou. É a vez de Anthony novamente.

— Ei, Marco, deixe Xavier ter a garota. Talvez isso faça com que se sinta melhor, com sua falta de habilidade no

basquete.

Um coro de "Ohhhhhh" atravessa a multidão e eles apontam e riem entre os dois. Parece que metade da multidão está do lado de Anthony, zombando de Xavier e zombando de sua "falta de jogo" na quadra. Os outros gesticulam para Anthony e o chamam, para ser durão. É óbvio o quanto essas crianças querem Xavier, enquanto a piada continua.

Xavier agarra Anthony, mas Anthony evita a tentativa e rouba a bola. Ele dribla a poucos metros e zomba de Xavier com isso.

— O que você vai fazer, velho?

Xavier simula ser esfaqueado no coração e cai no chão, em uma cena de morte elaborada e completa, com ânsias e agitamento, como um peixe morto. Corro para o lado dele e me ajoelho, colocando a mão na testa e fingindo chorar e tremer. Jogo-me no corpo imóvel de Xavier.

As crianças explodem em aplausos. Xavier me ajuda a levantar e nos curvamos em gratidão.

— Como não tenho habilidades no basquete, acho que vou me afogar na tristeza, com a minha namorada. Vamos nos

ver na próxima semana!

Somos expulsos, com uma avalanche de despedidas, antes de retomarem o jogo, com um jogador a menos. Xavier estende a mão e a tomo, enquanto caminhamos pelo corredor.

— Sou sua namorada, né? — Eu o empurro com o braço. — Não acha que deveria ter-me dito que tinha muitos filhos? Quero dizer, o suficiente para formar duas equipes de basquete, é uma espécie disjuntor.

Xavier joga a cabeça para trás e solta uma risada alta e desenfreada. Só de ouvir isso faz-me rir e leva alguns segundos para nos recompor o suficiente, para não rir, quando nos olhamos.

— Aquelas crianças te adoram.

Ele encolhe os ombros. — Eles são incríveis. Estou feliz que os tenha conhecido.

Quando entramos no estacionamento, descubro que não estou pronta para deixá-lo ainda. Tenho certeza que vai dizer algo sobre voltar ao trabalho. Mas por enquanto, só quero ficar um pouco mais.

— Então, o que fez começar a se voluntariar aqui? Por que esse lugar, em particular?

— Eu estava em um programa de mentoria, como um favor para um amigo. Anthony é o garoto que ensinei. Ele me trouxe aqui e passei tempo, desde então.

—Anthony, a criança que acha que joga melhor que você? — Eu brinco.

— O mesmo. Felizmente, Anthony não descobriu como o jogo funciona em nenhum lugar, exceto na quadra. Você viu todas aquelas garotas olhando para ele?

— Sim. Vai quebrar um monte de corações, quando perceber que o basquete é seu verdadeiro amor.

Xavier me estuda por um segundo e nega.

— Você é bonita, quando é perceptiva, Nikki. Vou ter que aumentar meu jogo, se quiser manter meu coração intacto.

— Seu jogo é bom e você sabe disso. — Pisco para ele.

Ele abre a boca com uma resposta, mas o telefone o interrompe. Enquanto anda alguns metros para atender a chamada, caio na beira de uma mesa de piquenique, ao lado

do prédio.

Tiro meu próprio telefone. Dois textos perdidos, ambos de Barton. Coloco meu celular na bolsa, sem lê-los. Barton pode esperar. Sei o que dizem, de qualquer maneira.

Barton tem que estar errado sobre tudo. Isso, simplesmente, não faz sentido. Quando estou sozinha em um momento, com Xavier, não louca e paranoica, estar com ele é tão fácil e divertido. Minha vida, antes de Miami, era tudo sobre o que deveria ser feito e o que deveria ter feito. Percebi, mais e mais, nas semanas com Xavier, que nunca fiz nada só por mim, ou, simplesmente, porque me senti bem.

Desde que vim para Miami, tive alguns momentos ruins. As coisas ficaram fora de controle. Mas também tive muitos grandes momentos, como hoje, o estádio, os jantares... sexo. Estou louca, mesmo por estar aqui agora? Eu me apaixonei por esse homem, duramente. A única coisa que me afasta completamente dele é a incerteza. Mas tudo em mim grita que não tem esse lado sombrio. Que não é um homem mau. Homens maus não tratam as pessoas, como ele me trata. Eles exigem ser adorados, idolatrados. Xavier é o único que me trata assim.

Estou tão perdida em meus pensamentos, que não percebo que está à minha esquerda, até que fale.

— Que tal um pouco de sorvete, para recompensar sua boa capacidade de atuação?

— Você não precisa voltar ao trabalho?

— Sim, mas ainda não. Isso é mais importante.

— O sorvete? — Eu lhe dou um olhar incrédulo.

— Não, você.

Vamos a pé cerca de dois quarteirões de distância. A julgar pela fila, é o lugar mais popular no bairro. Quando finalmente pedimos, peço um cone de baunilha com várias cores de confeitos e Xavier um cone de chocolate.

— Sabe que os confeitos incomodam os deuses do sorvete, certo?

— O que? Primeiro, você não me conta nada sobre seus milhões de crianças e agora, está dizendo que é contra confeitos?

— Não estou apenas contra eles. Sou anticonfeitos. — Ele

me dá um olhar significativo, enquanto dá outra mordida em seu sorvete.

— Anti...? De verdade? Estou seriamente reconsiderando a coisa de namorada.

Ele encolhe os ombros.

— Tente isso. Vou sentar sozinho aqui e comer bondade pura e chocolate em um cone.

— Então, se é anticonfeitos, não posso fazer isso e tentá-lo? — Apertei meu cone no pulso, deixando a baunilha derreter, com alguns confeitos perdidos.

Ele olha para mim, por cima do sorvete e depois volta, sem dizer uma palavra. Levanto meu pulso até a boca e ajo como se fosse lamber. Antes que possa, ele pega minha mão e cuida dela, lambendo o interior do meu pulso, lentamente.

— Suponho que os confeitos estão gostosos — diz ele, com um sorriso travesso.

Sei que ele está apenas tirando sarro de mim, mas o calor de sua língua permanece na minha pele.

Volta para seu cone e olha as pessoas ao nosso redor.

Parece mais claro hoje, mais livre. Eu me pergunto que carga foi tirada dele.

— Você está diferente hoje. Fora do personagem.

Ele arqueia a sobrancelha para mim. — Isso é ruim?

— Não.  — Eu paro. — É só que não tenho certeza do que fazer, com essa versão de você.

— A versão tola e infantil?

Rio alto, surpresa com a descrição.

— Precisamente.

—Você tira o melhor de mim, Nikki. Que posso dizer?

Ele se inclina para me beijar e provo o chocolate, em seus lábios. Quando se afasta, ele, gentilmente, remove um cabelo solto do meu rosto.

É tão fácil esquecer tudo o mais, quando estou com ele. As coisas, simplesmente, desaparecem. Depois de hoje, estou convencida de que Xavier não pode ser o chefe. Simplesmente, não pode ser. Mas isso não é suficiente.

Tenho que mostrar que não é quem Barton diz que é.

Para fazer isso, terei que continuar mentindo para ele, continuar invadindo sua privacidade.

Todo sorriso que me dá, envia um punhal ao meu coração.

# CAPÍTULO SEIS

Minha tarde com Xavier, ontem, significou que sentia falta de ver Hailey, entre o trabalho e ir para a casa de seu namorado.

Infelizmente, esta manhã, ela está sentada à mesa, tomando café da manhã, quando acordo.

Durante os últimos dias, ela e eu vivemos em um mundo de silêncio ou conversa amigável, mas hostil, enquanto tentamos nos aproximar. Gelo flutua no ar, invadindo o que antes era um apartamento cheio de risos. Estou cansada disso e decido contar-lhe.

— Sinto muito, Hail. Eu odeio que exista isso entre nós.

— Sim, eu também. Sinto sua falta.

—Eu sinto mais sua falta! Mas tem que acreditar em mim. Não posso lhe explicar as coisas agora, mas sei o que estou fazendo.

Ela deixa cair a colher e se vira para mim.

— Realmente? Depois do que aconteceu com Eli e Kayla, precisa ser mais cuidadosa.

— Eu sei e estou assumindo. Não estou fazendo o papel de uma garota apaixonada e estúpida demais, para ter um cérebro. Sou tão honesta quanto posso ser. Tudo vai acabar em breve, prometo.

Ela suspira e coloca a mão em cima da minha.

— Estou preocupada com você, Niki. Nós devemos cuidar uma da outra, certo?

— Sempre, menina.

Inclino-me para abraça-la e nos abraçamos por um minuto ou dois. Hailey é minha melhor amiga. Não quero perde-la, por causa disso.

Quando nos separamos, pergunto:

— Estamos bem?

— Estamos bem, Niki. De verdade. Apenas tenha cuidado.

Hailey volta a comer seu cereal e me levanto. para me

servir também. Quase chego na caixa, quando bate a mão na mesa.

— Tenho uma ideia melhor! Qual é o seu programa para hoje?

Quando meu coração se recupera, respondo.

— Absolutamente vazio. Por quê? O que está acontecendo?

Ela enfia a mão na bolsa e tira duas folhas de papel, que parecem cartões de embarque.

— Como se sente, com alguns mimos? Esses bebês são bons para uma massagem, um tratamento facial, uma manicure e uma sauna. Eles até nos darão almoço e champanhe, mais tarde.

— Bom! De onde tirou isso?

— Você se lembra daquele cara Todd, que te apresentei, no Hotel Davenport? Aquela noite, no Ultra?

Franzo a testa e tento lembrar. Ela me apresentou cinquenta pessoas, naquela noite.

— Espere, de olhos de cachorro? — ri com a memória. — Aquele que teve tanta atração por você, que te seguiu a noite toda?

Geme.

— Não me recordo. Ele estava tão arrasado, que disse que me amava cinco vezes.

— Bem, se Todd quiser tentar te conquistar com mais presentes femininos, eu me beneficiaria, com prazer, como uma verdadeira amiga.

Um dia de spa, com minha melhor amiga, parece a coisa mais próxima do paraíso na terra, agora. Além disso, ninguém pode me seguir para uma sala de massagem, então, pelo menos minha paranoia diminuirá, enquanto aproveito o tempo de garotas.

***

Pensei que a massagem corporal e facial seriam, exatamente o que precisava, para chegar ao limite e me deixar sentir que estou flutuando em uma nuvem. Infelizmente,

minha experiência no spa foi arruinada pelo meu cérebro. Eu vi conspirações em tudo. Do manobrista, que levou o carro de Hailey, para a garota com as toalhas, sinto que todos estão me observando. Como se todos estivessem trabalhando para o chefe.

Barton pode ter alguém me seguindo, mas não é como se pudessem me seguir até aqui. O que acontece, se alguém me atacar? Há um milhão de maneiras em que alguém poderia matar-me aqui. Sinto que estou em um episódio de algum programa de pesquisa.

Meu massagista é um cara robusto, um viking, que, normalmente, seria combustível para uma das minhas fantasias. Mas, toda vez que suas mãos viajam no meu pescoço e ombros, fico tensa, como se estivesse esperando que ele me estrangulasse.

Ele sente a tensão e tenta resolver o problema dizendo "Relaxe" ou "Deixe sua tensão ser apagada".

Depois da minha massagem desastrosa, finalmente, junto-me a Hailey, na jacuzzi. O calor da água é bom nos meus músculos tensos. Algumas das dores derretem, mas a tensão permanece. Fecho os olhos e inclino a cabeça para trás,

desfrutando de sentir a água contra minha pele e o som e a pressão dos jatos.

Espere. Ninguém pode entrar na área da banheira de hidromassagem, certo? A voz de Hailey quebra minha espiral cerebral.

— Então, parece que você e Xavier estão em um bom lugar.

— Hail, —digo e abro os olhos. — Não posso lidar com uma bronca, neste momento.

Ela levanta as mãos em sinal de rendição.

— Não repreendendo. Sou sua amiga. Quero saber todos os detalhes da sua vida amorosa, para poder compará-la com a minha e, esperançosamente, sentir-me superior, no sentido que tenho o melhor namorado.

— Para que são as amigas, certo?

Nós rimos, mas o rosto de Hailey, rapidamente, torna-se sério novamente.

— Realmente, quero estar aqui para você, Niki. Fale-me sobre ele. O que aconteceu entre vocês?

Obviamente, não posso dizer a Hailey a verdade sobre o que está acontecendo, mas explico e falo sobre tudo o que aconteceu, desde então, incluindo nossa tarde juntos ontem. Ela está quieta, enquanto conto a história, deixando-me dizer o que preciso.

— Então, tudo que me contou sobre Xavier, desde que o conheceu, é bom e positivo. A única coisa que te assustou foi como ele agiu em torno de você e os rumores que ouviu sobre ele. Ele nunca te ameaçou ou te machucou, mesmo quando estava com muita raiva.

— Tudo verdade.

—E os dois, obviamente, gostam um do outro.

Suspiro e jogo minha cabeça para trás, novamente, deixando a água bater na parte de trás do pescoço.

— Isso não está em questão. Em absoluto.

— Então, por que está hesitando?

Demora um momento para ordenar meus pensamentos. Eu me pergunto como dizer a ela o que quero, sem dar muito. Quanto menos Hailey souber sobre a situação, melhor. não

quero que esteja em perigo.

— Sinto que ele tem uma vida dupla. — paro para olhá-la e vejo algo em seus olhos, que não consigo ler, então avancei rapidamente. — Como se estivesse escondendo alguma coisa. Parece que são duas pessoas diferentes.

— O que te faz dizer isso?

— É muito reservado, mas também pode ser muito aberto e divertido. Ele se comporta, quando eu o vejo no resort, no controle, focado. O tipo de cara que consegue o que quer. Mas, às vezes, quando estamos juntos, tem sido muito diferente. E, às vezes, quando está ao telefone com alguém, ele se torna exigente e duro com eles. É como se fossem pessoas diferentes o tempo todo.

— Parece todo cara de poderoso que conheci, Niki. Eles têm que estar "ligados" a maior parte do tempo, então, gostam de se soltar, quando estão com alguém que os faz sentir confortáveis. Vejo muito "desse tipo", no resort.

Hailey sai da banheira e envolve o roupão em sua volta. Faço o mesmo e a sigo até a porta do corredor. Um anúncio diz "Respeite a paz ao seu redor. Não fale no corredor, por

favor".

Nós fomos em direção à sala de vapor. Nossos pés descalços batem contra o azulejo, tocando alto, no corredor silencioso. Mais uma vez, tenho a sensação de estar sendo observada, mas, como ninguém está no salão, repreendo-me por ser ridícula.

Alguém colocou óleo de lavanda no gerador de vapor, então, a sala está cheia do aroma. Quando alguém derrama água sobre as pedras, intensifica. Hailey e eu nos sentamos do outro lado da sala e abrimos nossas túnicas. olho ao redor, mas há apenas duas outras mulheres aqui e nenhuma de nós presta atenção.

Continuo nossa conversa em baixo volume.

— Mas e os seus segredos? Esconder as coisas de mim e não me dar respostas diretas, às vezes? Eu não o vi ou ouvi em dias, mas ele não disse nada sobre o trabalho ontem. Sou louca, por ser tão paranoica sobre isso, quando parece um bom rapaz?

— Todo mundo tem segredos. Um lado negro. Parte de um relacionamento é aceitar o pior de alguém. Você tem que

fazer isso, ou não vai funcionar.

Hailey dá um tapinha na minha mão e depois se deita no banco. Eu me inclino, respirando profundamente o vapor e tentando fazer a lavanda acalmar-me. Mas meus pensamentos continuam correndo.

Quão escuro será o lado sombrio de Xavier? O que fará, para manter seus segredos?

Não é o suficiente ter a maior parte do meu dia de spa arruinada pela paranoia e estresse, aparentemente. Então, o universo decide ser criativo.

Estamos desfrutando de um almoço leve com champanhe, quando um dos funcionários do spa apressa-se para nossa sala privada. O olhar, em seu rosto, diz-me que algo está realmente errado e me preparo para o pior, embora não saiba mais como será.

— Há uma tempestade e está se intensificando. Vai ficar muito pior, do que inicialmente esperado. Decidimos fechar mais cedo e todos os serviços, que permanecem pendentes em seu pacote, serão feitos em uma data posterior. Desculpem-me, senhoras.

Ele corre para fora do quarto e Hailey e eu nos entreolhamos. Paro em uma das estações de TV locais e assisto a transmissão ao vivo.

O furacão, que deveria ir para o Golfo do México, não o fez. É endereçado a nós agora e, de acordo com o repórter do tempo, começaremos a sentir os efeitos da tempestade nos últimos momentos da tarde.

— Não deveria vir tão longe até aqui. Só isso nos daria uma boa quantidade de chuva. Sabia que mudou? —Meus nervos estão no limite. Tanto Hailey, quanto Xavier, asseguraram-me que a tempestade não seria ruim e que não tinha nada com que me preocupar. Se os moradores estivessem preocupados agora, isso me assustaria.

Hailey franze a testa, levanta e toma o último gole de champanhe de sua taça.

— Não. Aparentemente, essa é a razão pela qual as pessoas adultas prestam mais atenção às notícias. Devemos conseguir alguns suprimentos, a caminho de casa, caso a luz se apague.

Mal chegamos à porta do apartamento, com o último

suprimento para o furacão, quando o telefone da casa toca. Hailey dá ao interlocutor um olhar sujo, então sei que é uma chamada de trabalho. Entra na outra sala, para atender a chamada e começo a desembalar as malas. Nós fomos um pouco ao mar, mas é melhor estar preparada.

Tenho tempo para fazer uma bolsa, antes que Hailey retorne.

— Tenho que ir trabalhar. Aparentemente, ligaram para meu celular um milhão de vezes, enquanto tínhamos nosso dia de spa.

— O que está acontecendo? Posso ajudar? — Ela nega.

— Evacuar os convidados. que ainda podem sair da cidade e preparar quem não pode. Eles têm os funcionários mais ativos. Se autorizarem estar presente desde o começo, ligarei para você e ver se quer ir.

Ela abre a gaveta de baixo da escrivaninha, pega o passaporte e alguns documentos e os coloca em uma sacola plástica, que tira da despensa. Olho para ela com fascinação. Obviamente, já fez isso antes. Nunca morei em nenhum lugar com furacões, então, estou perdida quanto ao que fazer. Dê-

me um tornado e estou nele. Mas esse tipo de tempestade assusta-me.

— Vou arrumar uma mala. Vou ficar no resort por três dias, porque a balsa não será capaz de sair.

— Deus, como?

— Há muito lixo na água.

Meu cérebro leva um segundo para processar isso. Estou ficando mais apreensiva a cada minuto.

— Veja, tenha cuidado, Hail. Envie-me uma mensagem de texto, com atualizações sobre onde você está, quando puder, então saberei que está bem.

— Igualmente. — Ela me dá um abraço rápido e vai para seu quarto. Ela para do lado de fora da porta. — Ei, Nikki? Quando a tempestade cair, não dirija para lugar nenhum, ok? Fique aqui.

— Não vou a lugar nenhum.

Ela retorna para a sala de estar.

— Quero dizer isso, Niki. A tempestade vem como um

tsunami. Vi fotos, mas a inundação acontece tão rápido e as pessoas ficam presas em seus carros. Basta ficar aqui e comer todo o ravióli enlatado frio e manteiga de amendoim.

Quando Hailey sai, lanço-me no controle remoto. não queria que ela visse o quão louca estava com a tempestade. Ela estava ansiosa por ambas.

Mas estou com medo. Nunca passei por isso, então, não tenho certeza do que esperar. Pego meu telefone e envio uma mensagem de texto para minha mãe e digo que estamos abastecidos com suprimentos. Tenho uma mensagem perdida de Barton.

**Preciso de uma atualização. Estou ficando impaciente**.

Barton não está ajudando meu nível de estresse.

Assisto as notícias, obsessivamente, por cerca de trinta minutos e então decido que estou ficando mais ansiosa do que preciso estar. Escolho um filme e estou prestes a apertar o play, quando meu telefone toca. É Xavier.

— Como você está, bonita?

— Você quer resposta honesta, mesmo que isso me faça parecer ridícula? — Ando de um lado para o outro na sala, debatendo se devo ligar a notícia, novamente.

Ele ri.

— Definitivamente. Amo, quando você é desajeitada e tem vergonha.

— Estou muito louca pela tempestade, Xavier.

— Bem, então não vai se opor em fugir comigo, para pequenas férias tropicais.

Meu cérebro fica em "bem", então levo um segundo para me atualizar.

— Espera, que? Onde?

— Para as Ilhas Cayman. Tenho que ir a negócios e quero que venha comigo. Enquanto estou em reuniões, pode tomar sol e ler ou ir ao spa. Nós vamos dançar todas as noites, sob as estrelas. Posso até ensiná-la a mergulhar, se quiser. É um paraíso na terra.

Ele não mencionou a viagem de ontem, então, de onde vem tudo isso? Nós não passamos um fim de semana juntos, muito menos em férias, por que me pede para ir?

Eu me bato um pouco, para pensar o pior. Estava em um bom lugar sobre nós, cinco minutos antes. Agora, estou assistindo conspirações de novo? Pare, Nikki.

— E o furacão?

— Nós estaremos voando por aí. Demorará um pouco mais para chegar lá, mas evitaremos a tempestade. Enquanto Miami é maltratada pela chuva e vento, nós estaremos bebendo mai tais, com nossos dedos na areia.

— Mai Tais? Parece que você planejou tudo isso.

— É meu trabalho ter as coisas planejadas. Não posso desapontar meus clientes, só porque uma pequena tempestade está indo em nossa direção e pensei que seria bom se viesse comigo. Especialmente, se está vestindo um biquíni, a maior parte do tempo.

Meu cérebro processa pensamentos em segundo plano, e me ocorre que nas Ilhas Cayman é onde ouvi que as pessoas lavam dinheiro.

É isso que está fazendo? Um casal, viajando em férias de praia, é muito menos suspeito, do que um homem viajando sozinho a negócios.

Estou perdida em meus pensamentos, até ouvir meu nome.

— Sinto muito, fui embora um pouco. Disse algo sobre um biquíni?

— Definitivamente. Embale alguns. Um par de vestidos para o jantar, alguns shorts. Qualquer outra coisa que precisar, pode ser cobrada no quarto. Eles têm algumas ótimas lojas lá.

Eu me sinto sobrecarregada e não consigo respirar bem. Fala tão rápido e isso aconteceu tão de repente... estará fugindo? Ele saberá que está sendo investigado pela DEA? Tem sentido.

— Quanto tempo vamos?

— Uma semana talvez? Um pouco mais? Sempre posso te mandar para casa antes, se precisar ir embora. — Deve estar cobrindo o telefone, porque ouço uma conversa baixa, mas não consigo entender. — Tenho que voltar a trabalhar um

pouco. Faça as malas e me encontre na Villa, daqui a algumas horas. Vamos sair juntos, assim que terminar de fechar este acordo. Lembra-se de onde a chave está, certo?

A chave. Eu não percebi que ele a deixou lá o tempo todo.

Barton me disse para ir lá agora e procurar o lugar, antes de chegar lá. Barton me dizia que tenho que ir para as Ilhas Cayman.

Barton não ficará feliz, com Xavier deixando a cidade.

# CAPÍTULO SETE

Estou ficando sem tempo. Quando Xavier estiver fora do país, minha chance de provar que ele é o chefe, terá desaparecido. Mas se eu for com ele para as Ilhas Cayman e tudo explodir na minha cara, não haverá ninguém para me ajudar. Xavier parece sincero, só quer me levar em uma viagem de negócios, mas, e se houver mais?

O telefone de Barton chama uma vez, antes de responder.
— Era a hora de você me ligar. O que sabe?

Eu explico o telefonema rapidamente, e ele não perde tempo, dando-me seus pensamentos.

— Você tem que conseguir a prova agora. Antes que ele saia do país.

— Não há tempo suficiente.

— Arranje tempo. — Sua voz é tão energética, que o efeito é como um golpe. — Deve saber que há alguém trabalhando contra você. Ele está fugindo do país e vai levar

tudo o que é importante com ele. Nunca o alcançaremos.

— Não sei o que procurar, Barton. Sei que ele não vai sair por muito tempo, para que possa copiar toda sua memória.

—Não é necessário. Minhas fontes dizem que está em uma memória prateada, que está gravada com um "X". Você já viu em algum lugar?

— Sim. Eu a vi em sua mesa, em sua casa, uma vez. Eu não sei se ele a leva com ele ou a deixa lá.

— Pegue, Nicole. Copie os arquivos em outra memória e vou te encontrar.

— Mas estamos saindo esta tarde. Vou encontrá-lo na vila, por volta das cinco.

— Então não está lá agora. É o momento perfeito para isso. Se o tempo passar, pegue a memória e a traga.

O que não diz, é o que estou pensando. Se eu levar a memória, Xavier vai saber que alguém estava em sua vila e levou embora. Não demorará muito, até descobrir que era eu.

***

Arrumo minha mala com o essencial, que preciso para uma viagem para a praia, mas não sei por que faço isso. Ir à viagem parece ser a pior ideia de todas, nessas circunstâncias. Se conseguir os arquivos para Barton, realmente, quero ficar presa nas Ilhas Cayman com Xavier, perguntando-me o tempo todo o que descobri?

Se não puder pegar os arquivos, então Barton vai me atormentar, para bisbilhotar nos negócios de Xavier.
De qualquer forma, toda a situação parece errada. As coisas estão muito apressadas e estou preocupada em estragar alguma coisa. Fazer uma viagem com Xavier seria fantástico, se não tivesse cem por cento de certeza de que alguém iria incriminá-lo. Mas, apesar dos meus instintos, não posso ter certeza e uma semana é muito tempo para passar com alguém vinte e quatro horas por dia, se você é paranoico e não é quem eles dizem ser.
No caminho para a doca, o céu fica cada vez mais escuro. É cinza pálido, com redemoinhos mais escuros de nuvens, que parecem fumaça. A tempestade está quase chegando e não me refiro apenas ao furacão.
O tráfego é leve, já que a maioria das pessoas se afastou da água e não foi para lá. Chego à balsa rapidamente, pegando-a,

minutos antes de sua partida para Fisher Island.

A água está agitada e o navio balança. Felizmente, eu não deveria estar nele por muito tempo para ficar enjoada.

— Quanto tempo ficará? — Não me lembro do nome do assistente, mas sempre foi bom para mim, quando está trabalhando.
— Não tenho certeza, por quê?

— Estamos fechando. A última balsa sairá da ilha em uma hora. Não vai querer perder.

O vento aumenta, distraindo-me de responder. Há um peso no ar, um fardo. Parece que toda a atmosfera contém sua respiração. Gosto desse momento, é uma exibição de fogos de artifício, entre o estouro da explosão e a aparência do padrão de cores no céu.
Eu nunca vi o cais tão cheio. Quando nos aproximamos, mal posso sair da balsa, com todas as pessoas que estão com pressa de embarcar. Somos apenas alguns saindo do barco. Algum convidado infeliz ficou preso aqui, por causa da tempestade e alguns dos funcionários foram chamados para ajudar. Devo estar louca, por ter vindo aqui.

Um carrinho de golfe espera, nos lugares de convidados, então pego e saio. Estou aliviada, por não ter que correr. O vento já está me empurrando como um valentão, chicoteando meu cabelo e fazendo com que o carrinho de golfe trabalhe mais.

Encontro a chave para a casa de campo de Xavier, em seu esconderijo sob uma telha solta, nos degraus que levam à porta. Embora tenha permissão para estar aqui, meu coração dispara, quando entro. A permissão de Xavier não se estendeu a bisbilhotar.

Minhas sandálias batem na laje quando corro para a sala principal. Digo o nome de Xavier algumas vezes, mas o lugar está deserto. O silêncio é assustador. Não há barulho nem mesmo lá fora, além do uivo do vento. A tempestade está se aproximando e não tenho certeza se estou esperando a balsa sair em uma hora.

Eu me movo rapidamente para a mesa e verifico cada gaveta da unidade de memória, papéis, qualquer coisa que possa ser útil. Não há nada. F um círculo rápido, ao redor da sala principal. Além de algumas revistas na mesa, não há nada. Nem mesmo gavetas para verificar.

O quarto de Xavier também é uma decepção. Nenhum pen drive ou qualquer coisa do tipo e os únicos papéis que existem no complexo são menus, uma lista de canais de televisão, opções de excursão. Acho um par de cartões de embarque antigos, na gaveta da mesa de cabeceira e tiro fotos com meu celular, para o caso, mas não há nada aqui. Xavier é muito limpo para deixar as coisas por aí, incriminando ou não.

Até mesmo verifico as gavetas do banheiro e os armários, caso possa esconder alguma coisa lá. Também está vazio e vou à beira da banheira, para me recuperar.

— Droga! — digo as palavras em voz alta e ecoa no azulejo. Parece que estão tirando sarro de mim.

Meu telefone vibra, com uma mensagem de texto e tiro do bolso da bermuda. Xavier está na balsa. Ele quer que eu o encontre no cais.

Não há tempo para mais nada.

A balsa sairá em breve e Xavier me espera.

— Merda! — digo alto. Desta vez o eco, definitivamente, tira sarro.

Fecho a porta e decido levar a chave comigo. Darei para Xavier. Corro da vila até a beira da calçada, onde deixei o carrinho de golfe.

Não está. Estou completamente ferrada.

Xavier volta a escrever.

**Estou aqui. Onde você está?**

Não há tempo para responder. Corro, tentando o máximo que posso. Já faz alguns anos, desde que corri tanto. Perdi o interesse, depois das corridas do secundário. Nunca foi a parte de correr que gostei. Só queria competir contra mim mesma.

Verifico o relógio e tenho exatamente oito minutos, antes da balsa sair. Deve levar cerca de quatro minutos para chegar lá. Está bem. A possibilidade e o alívio dão-me o impulso de que preciso continuar, apesar de meus pulmões queimarem do esforço. Estou correndo contra o vento e sinto a resistência extra.

Quando, finalmente, viro a esquina para a área da doca, no entanto, a balsa já saiu. Paro de correr e me inclino, para recuperar o fôlego, verificando o relógio. Quatro minutos e

trinta segundos. Mas a última balsa saiu.

Sinto uma mão nas minhas costas e viro meu olhar, para ver Xavier. Ele esfrega minhas costas, enquanto me recupero. Quando, finalmente, endireito-me, viro-me para ele e digo:

— Lamento muito que tenha perdido sua viagem por minha causa.

Não há raiva em seu rosto. Mesmo seus olhos, geralmente intensos, são suaves, indulgentes.

— Não é sua culpa, Nikki. Mesmo que pudesse ter subido naquela balsa, o aeroporto pousou todos os aviões, até mesmo em voos privados. A tempestade atingiu mais cedo do que o esperado.

— Parece que está preso comigo esta noite.

— Acho que podemos encontrar um jeito de matar algum tempo.

Ele pisca para mim e pega minha bolsa do chão.

—Vamos sair daqui, antes que a chuva comece. Parece muito ruim no radar.

Estava tão preocupada com o que aconteceria, se ficasse presa nas Ilhas Cayman com Xavier, que não pensei sobre esse roteiro. Tenho que ter muito cuidado hoje à noite, especialmente com Barton na confusão. Não há para onde ir, se disser algo que não deveria, ou se Xavier suspeitar.

# CAPÍTULO OITO

Chegamos na vila de Xavier, antes que o céu se abrisse e uma espessa cortina de chuva atingisse o Resort, transformando tudo em tons de cinza. O rugido do vento mistura com a chuva torrencial e é surpreendentemente alto.

Xavier liga para a recepção, mas não consigo ouvir o que diz. É um alívio que alguém saiba que estamos aqui, em caso de emergência.

Aparentemente, há muitas pessoas ainda na ilha. Ficaremos aqui até o furacão passar e, se as coisas ficarem feias, vamos para o prédio principal.

— Parece que a chuva está prestes a penetrar no telhado. — Xavier ri. — Esqueço que este é seu primeiro furacão. Essas são as bandas externas. Vai ficar muito pior.

— Pior? — Minha voz se quebra. — Isso é ruim o suficiente!

Ele atravessa a sala e pega minhas mãos nas dele.

— Estamos bem, Nikki. Já passei por muitos desses e este não é, terrivelmente, forte.

— De verdade?

— Sim. Depois que passar, um dos administradores do resort nos trará suprimentos. Não falaria isso por mim, convidado ou não, se não fosse seguro.

— Tudo bem, mas é melhor você não mentir para mim, Xavier.

Ele faz um "X" sobre o coração e uma risada escapa-me. Não é tanto o que ele fez, mas sim, como são meus nervos. Ainda estou nervosa sobre toda a viagem e as razões por trás disso. Ele, que perdeu o voo, levou muito bem para alguém que tinha importantes reuniões de negócios para ir.

Eu esperava que ele ficasse furioso comigo, mas está cheio do seu jeito protetor. Ele tira as velas da despensa e as deixa em toda a casa, para quando as luzes se apagarem, o que me garante que vai acontecer em breve. Ele até puxa o sofá para a sala de jantar, então estaremos a salvo de voar em vidro, se a tempestade danificar as portas que levam à piscina.

A luz se apaga cerca de vinte minutos depois e suspiro,

quando estamos submersos na escuridão. O sol ainda não se pôs, mas com todas as nuvens, o mundo lá fora é escuro e assustador. No interior, é ainda mais escuro, especialmente longe de portas de vidro, pois não há janelas, exceto uma, no quarto, para deixar entrar alguma luz. Não percebo o quanto estou tensa, até que Xavier coloca uma mão no meu ombro e pulo um pouco.

— Tudo bem, Nikki. É só um pouco de chuva.

Sorri — É mais romântico sem as luzes, não acha?

Ele dá a volta na sala, acendendo as velas e isso ajuda a me acalmar. Sinto-me muito ridícula, por estar tão ansiosa, mas vi nas notícias, imagens de furacões e como elas podem ser devastadoras. Entre isso e a incerteza sobre meu trabalho para Barton, não consigo relaxar.

— Obrigada por me agradar. Estou apenas nervosa. Antecipar o pior, mesmo que todos tenham dito que não, é uma tempestade forte.

— É compreensível, mas não se preocupe. Manterei você segura.

Xavier termina de acender as velas e elas enchem a sala

com um brilho suave, que cintila e lança sombras nas paredes. Acende uma lâmpada a óleo, que deixa na mesa do escritório e agora a sala é muito mais brilhante e menos assustadora. Eu me aproximo dele, para examinar a lâmpada. É feito de vidro transparente e é atravessado pela fiação. Parece uma daquelas réplicas caras de antiguidades.

— Então, é por isso que eles chamam de lanternas de furacão, suponho?

Seu telefone vibra com um texto, antes que possa me responder.

— O gerente deve estar aqui em alguns minutos. O radar está limpando.

Ele tira o conteúdo de seus bolsos e os coloca na gaveta, enquanto fala.

— Vou trocar de roupa, antes que chegue aqui, então, posso ajudar a trazer tudo.

Coloca um objeto final na gaveta, antes de empurrá-la no meio e a fecha. Ali está, a centímetros da minha mão. A memória USB prateada, com o "X" gravado.

Ele me beija na bochecha e vai para o quarto, para se trocar. Estou paralisada pela indecisão. Devo enviar um texto para Barton? Olhar para os arquivos, enquanto está ocupado com suprimentos? Trouxe meu laptop, para o caso de ir para as Ilhas Cayman com ele. Talvez deva manter tudo na minha memória e decidir mais tarde? Minha necessidade de respostas e minha necessidade de estar certa sobre Xavier, trava uma guerra no meu cérebro. Se der isso a Barton, não posso desfazer depois. Se houver algo incriminador, estará lá fora. Não posso negar a participação de Xavier no mundo do chefe. Mas se não lhe der, nunca saberei a verdade. Tenho que saber.

Envio uma mensagem para Barton que eu o tenho e que estou na estação. Sua resposta chega em segundos.

**A próxima faixa de chuva deve vir aos quarenta e cinco minutos.  Escolha a doca de fornecimento de retorno.**

— Tudo bem?

— Apenas Hailey. que está preocupada comigo. — Estou surpresa com a facilidade com que a mentira escorrega.

Ele se inclina para um beijo e escova meus lábios.

— Sei como podemos passar o tempo. — Ele se move para o meu pescoço e planta uma fileira de beijos lá.
Sei que o gerente estará aqui em breve, então o deixo continuar e aprecio o sentimento. Com certeza, tem um botão desabotoado, antes que uma batida na porta termine tudo.

Enquanto Xavier e um gerente, que não conheço, fazem uma bagunça com os suprimentos, eu me escondo no banheiro, sentada na beira do balcão. Como vou encontrar Barton? Estou presa com Xavier.
Abro o armário de remédios, procurando ibuprofeno, que sei que é mantido em cada quarto de hóspedes. Estou com dor de cabeça de tensão, durante todo o dia.

Quando estou prestes a fechar o armário, noto algo. Um pacote fechado de pílulas para dormir. Meu estômago fica enjoado e me preocupo com vômitos. Vou drogar Xavier? Tenho outra escolha?

A luz acende novamente, facilitando a leitura da caixa. Diz que a dose normal é dois, então, tiro quatro do pacote, só para ter certeza. Os comprimidos pesam no meu bolso, quando volto para a sala de estar.

Xavier está ocupado, testando o fogão Coleman que o gerente trouxe.

— Vi uma garrafa de creme irlandês na cozinha e pensei que podíamos fazer um pouco de café, enquanto temos eletricidade. Soa bem?

— Claro.

Enquanto a máquina funciona, uso o ruído para esmagar os comprimidos com as costas de uma faca. Rapidamente deslizo o pó em sua xícara e despejo creme irlandês em ambos. Esperançosamente, será o suficiente para mascarar o sabor.

Estou mexendo as bebidas, quando sinto a respiração de Xavier no meu pescoço. Suas mãos vão para minha cintura e ele beija meu ombro. Meu coração acelera e sei que, a qualquer momento, perceberá o que estou fazendo.

— Pronta para deixar a tempestade comigo? Tenho muitas coisas divertidas planejadas.

Suas mãos pegam meus seios, mas, gentilmente, empurro-as de volta.

— Estarei completamente a bordo, assim que tiver um pouco de coragem líquida, para me ajudar a esquecer a tempestade.

— Parece fantástico.

Pega a bebida. O pânico vai ao meu cérebro. É aquele em que coloco as pílulas? É o certo? Não tenho certeza se é o certo, até que ele toma um gole e pareça intrigado.

— Isso sabe um pouco diferente.

Toma outro gole. — Ingrediente secreto?

— Estou cheia de segredos.

Ele ri.

— Aposto que sim. Um dia irei desbloquear o cofre que guarda em seu cérebro e vou derramar por toda parte.

Tomo um gole do meu café e tem gosto normal. Graças a Deus.

— Um pouco mais deles.

Levanto meu copo como se estivesse brindando. — E é possível que tenha o seu desejo. Você fez isso muito forte.

Tentando se aproveitar de mim?

Xavier pisca para mim e vai para o sofá.

Nós nos sentamos e bebemos nosso café, enquanto assistimos a tempestade, através das portas de vidro. Há algo reconfortante no interior silencioso, comparado com a ira da mãe natureza lá fora. olho para meu relógio. Tenho vinte minutos para encontrar Barton.
Xavier, finalmente, termina seu copo e se estica em minha direção. Mal tenho tempo para deixar minha xícara na mesa. Seus beijos são quentes e insistentes, mas não vou deixa-lo relaxar neles. Preciso estar alerta.

Depois de um ou dois minutos, diminui, consideravelmente. Suas palavras são incoerentes e eu, gentilmente, empurro-o de volta no sofá, enquanto o beijo. Ele não protesta e seus braços flutuam, inutilmente, nos lados. Está fora.

A culpa paira sobre mim como uma nuvem. Não posso acreditar que fiz isso com ele. Mas não tenho mais tempo para pensar nisso. Tenho que sair daqui.

Eu pego o pen drive da gaveta da mesa e o conecto no

meu laptop. Copio os arquivos e vou para seu quarto. Sua maleta está na cama. Abro e tiro um arquivo, folheio as páginas, para ver se é relevante.

Todos os papéis parecem ser enviados por vários bens. Não há nada em comum com eles, que possa determinar, além de sua entrada pelo porto de Miami. Todos eles têm origens diferentes.

Rapidamente, passo metade dos arquivos, quando sinto uma presença na sala. Xavier está de pé na entrada.

Congelo. O que devo fazer? Não há explicação.

Ele está tendo problemas em manter o equilíbrio, mas, finalmente, concentra-se em mim.

— Que diabos está fazendo? Está checando minhas coisas?

Suas palavras são duras e irritadas, mas muito arrastadas. Não posso acreditar que estou aqui agora.

Ele dá alguns passos em minha direção, deixo cair a maleta e passo por ele. Sua mão repousa no meu braço, mas é instável.

— Você me drogou? — Sua voz é mais confusa do que irritada agora e vejo a traição em seus olhos.

Não posso responder. Minha boca parece tão seca quanto um deserto.

Ele tropeça e posso puxar meu braço e escapar do seu aperto, correndo para a sala de estar. Eu me jogo no meu laptop e tiro as duas unidades dele. Não sei se tudo terminou de copiar, mas não há nada que eu possa fazer. Tenho que sair daqui.

Corro para fora e lágrimas e chuva correm pelo meu rosto.

# CAPÍTULO NOVE

luto contra a chuva pesada, enquanto corro pela estrada até as docas dos fundos. A chuva cai quase na horizontal e pica, quando o vento bate contra minhas pernas nuas. Estou completamente encharcada e minhas roupas parecem chumbo, no meu corpo.

Tentei ligar para Barton enquanto corria, mas não funcionou. Primeiro, apareceu a mensagem "a chamada não pode ser completada" e então tocou apenas sem parar. As torres devem estar em terra, devido à tempestade.

Xavier está em algum lugar atrás de mim. Não consigo vê-lo e é possível que tenha caído ou desmaiado por agora, mas o ouvi chamando-me, quando saí de sua vila. Meu estômago ainda está em nós do que fiz. Ele nunca vai me perdoar, mesmo que isso limpe seu nome. Eu nunca vou me perdoar.

O barco de Barton mexe, conforme a agitação da água, apesar de seu tamanho. não posso acreditar que consegui chegar até aqui. Parece muito bom, para um agente da DEA,

mas é provável que seja a partir deles, não dele. Eles confiscam todos os bens, quando comerciantes são aprendidos. Deve ter todo tipo de coisas por aí.

Barton está no cais e corro na direção dele. Ele parece bem recuperado, para alguém que está em uma tempestade, como se isso não o afetasse.

— Onde está? — grita sobre o vento e a chuva.

O barulho é ensurdecedor. Pensei que nós deveríamos estar entre a margem e em um período de calma, mas isso, definitivamente, não corresponde à descrição.

— Tenho-a. Não tenho certeza se tudo foi copiado na minha memória, então, trouxe o dele também.

Tiro as unidades do meu bolso e olho para elas, como se segurassem meu futuro. não posso voltar agora. Ele sabe que eu peguei.

Quando olho para Barton, algo em sua expressão dá-me arrepios. No começo, não sei dizer por quê. Mas então, percebo que ele está feliz. Está se preparando, como um tipo de animal que sabe que é essa merda.

Hesito por um segundo e depois fecho meus dedos ao redor do cartão de memória.

— Precisamos sair daqui. A tempestade está piorando.

—Dê-me a memória, Nicole. Então nós iremos.

—Darei a você, quando estivermos de volta em terra firme. No seu escritório.

Temos que sair da ilha. Xavier está lá fora em algum lugar.

—Dê-me a memória!

Pega meu pulso e torce, fazendo-me gritar de dor. não deixo cair o cartão, mas abro meus dedos com a outra mão e o pego. Não solta meu pulso.

— O que está fazendo? Deixe me ir!

O riso que sai dele é maníaco. Essa é a única maneira de descrevê-lo. Uma imagem de Barton brilha em minha mente: ele em cima, no trem, girando o bigode, como um vilão de cinema mudo.

— Você é uma puta boba, sabe disso? Tenho tudo que

preciso agora.

Ele deixa cair minha mão, mas antes que eu possa reagir, ele me empurra. A borda se afasta de mim e estou caindo na água. Meus braços e pernas estão tremendo, raspando os postes. Pouco antes de entrar na água, bati minha cabeça em alguma coisa. Isso me machuca, mas não me faz desmaiar.

A água é surpreendentemente fria. Esperneio, tentando evitar afundar. Barton deve ter ligado o motor, porque o navio está indo para trás, longe de mim e do cais. Tento nadar para a superfície, mas estou presa com alguma coisa. Não dá.

Movo-me de um lugar para outro, tentando me libertar, mas não posso encontrar o que me pegou. Isso é tudo; vou morrer. Vou me afogar, porque tentei fazer a coisa certa e coloquei minha fé em pessoas más. Acho que deveria saber melhor, do que confiar em alguém, especialmente em mim mesma.

Paro de lutar e espero que meu ar se esgote. Meus pulmões estão queimando e dói, quando respiro. Tenho a sensação de que minha cabeça está desconectada do meu corpo. Estou flutuando nas nuvens, deixando a escuridão me dominar. O desejo de respirar é tão forte, que não posso mais

contê-lo.

E nunca consegui dizer a Xavier o quanto sinto muito.

De repente, sou levantada e a água espirra em meu rosto. Alguém me pega pelas costas e tusso e cuspo água. Não sei onde estou ou quem tem as mãos em mim, mas estou engolindo ar, entre as tossidas. O resto não importa.

Dedico alguns minutos, para meus pulmões se acalmarem, sentindo que o mundo não está girando. A chuva torrencial não ajuda na minha desorientação. Sei que estou em um navio, mas ainda não vi meu salvador.

Alguém se ajoelha na minha frente e me dá uma garrafa de água. Ironicamente, nunca mais quis nada em minha vida. Tomo vários goles longos, com alguma tosse no meio, antes de, finalmente, sentir-me humana novamente. Quando olho para cima e vejo o rosto do meu salvador, sei que não estou tendo alucinações, nem estou morta.

É meu irmão.

# CAPÍTULO DEZ

Deslizo para trás, longe do homem com o rosto de Eli. Isso não é real. Isso não pode estar acontecendo. Eli está morto.

— Tudo bem. Niks. Sou eu.

Niks. Seu apelido para mim. Hailey é a única em Miami, que conhece esse nome.

— Eli? — A incredulidade é evidente em minha voz e meus olhos se enchem de lágrimas. Esta é uma piada cruel, que alguém está jogando, para chegar até mim. Isso é tudo. Mas parece tão real. Meu coração parece estar rachando, quando o vejo de novo e não consigo controlar as lágrimas, quando começam a cair.

— Como é possível? Você é...? Eu estou…? — Não posso continuar, sou superada por soluços profundos. Tremendo e chorando, toda minha dor corre para a superfície.

Eli estende a mão e pega a minha. Sua pele parece sólida, real. Choro ainda mais intensamente.

— Você está viva, Niks. Eu estou vivo.

Lágrimas e chuva se misturam, até que não posso dizer qual é qual. Balancei minha cabeça para tentar afastar a comoção e olhar em volta. Nada faz sentido para mim. Nem a tempestade, nem o barco, nem meu irmão, na minha frente. Continuo olhando para ele, minha visão está borrada de lágrimas. Ele está realmente aqui? Realmente o tenho de volta?

— Isso é muito para assimilar, eu sei. Vamos tirar você da chuva. Devemos ancorar em alguns minutos e depois iremos para a praia.

Ele passa o dedo no meu pulso machucado e vejo um lampejo de raiva em seu rosto.

— Eu não queria mexer, até saber que você está bem. Acha que pode parar, se eu te ajudar?

Aceno, sem confiar na minha voz. Ajuda-me a ficar de pé e me agarro a ele, pela minha querida vida. Enterro minha cabeça contra ele. Meu irmão. É realmente ele. Sua voz, seu calor, seu cheiro. Era como se uma parte de mim tivesse sido deixada para trás em algum lugar e agora estava de volta.

Eli me ajuda a entrar na área da cabine. Sem a chuva cair sobre mim e com a vantagem de um cobertor quente, em volta dos meus ombros, alguns dos tremores começam a desaparecer e, finalmente, paro de soluçar como um bebê. Lágrimas ainda preenchem meus olhos e transbordam pelas bochechas, mas não é o feio pranto de antes.

— Como está vivo, Eli? — As palavras soam estranhas aos meus ouvidos. Nunca esperei falar com meu irmão, novamente.

Ele faz chá, enquanto me conta sua história. O acidente foi encenado por ele. Descobriu que o chefe tinha colocado uma recompensa em sua cabeça, então fingiu sua morte e conseguiu alguém, para mudar os registros dentários. Quando ninguém notou, no início, Eduardo correu para frente e levou o crédito.

Eli me dá a xícara de chá e o calor passa por mim, tirando o frio do que acaba de acontecer. A adrenalina deixando meu corpo faz-me sentir como se estivesse desligada, mas o chá ajuda a me animar. Com o chá para me fortalece, e com o choque inicial, volto minha atenção para meu irmão. Estou tão aliviada por tê-lo de volta, mas a raiva e a dor obscurecem

minha felicidade e me fazem afastar dele.

— Que diabos, Eli? Você tem alguma ideia do que nos fez passar?

— Eu sei, eu...

— Não, você não sabe. Realmente não. Como pôde fazer isso com mamãe e papai? A mim?

Quando ele não responde, continuo a despejar meus sentimentos sobre ele, em um fluxo de palavras duras.

— Nós tivemos um funeral para você! Enterramos um corpo, Eli. Nossos pais tiveram que ir ao necrotério de Miami e identificar você. Como pôde fazê-los passar por isso?

— Nikki, ouça ...

— Não! Não vou ouvir. Você precisa ouvir. Claro que estou feliz por estar vivo, mas droga, Eli! Mamãe e papai são como fantasmas ambulantes. Deixei tudo, para me mudar para cá e descobrir o que aconteceu com você. Minha amiga Kayla foi morta, porque alguém pensou que era eu!

Ele olha para mim com olhos enormes, mas não responde. Acho que nunca derramei minha raiva por ele

assim. Não acho que já senti raiva assim antes.

— Por que não nos contou o que estava acontecendo?

— Sinto muito, Nikki. Eu queria te contar, mas não queria coloca-la em perigo. Foi o único caminho.

— Então foi melhor fazer-nos chorar? Pensar que você era um traficante de drogas e um viciado? Isso quase matou o pai!

Eli cai no banco, na minha frente e coloca a cabeça entre as mãos. Sei que deve tê-lo matado fazer o que fez, mas isso não tira a dor e a traição. Todos esses meses pensando que estava morto, quando não estava. Como poderia nos ver afligidos por ele? Sabia que estávamos passando pelo inferno e nos deixou fazer isso.

Ficamos em silêncio, por um longo tempo. A respiração de Eli começa a se normalizar, assim como minha necessidade de atacá-lo. Na minha raiva e dor, esqueci de pensar sobre como deve ter sido para ele. Eventualmente, sento ao seu lado e deito minha cabeça em seu ombro. Ainda não estou completamente além da minha raiva, mas o fato de meu irmão estar vivo já levou muito.

— Desculpe-me, Eli. Sei que fez o que tinha que fazer. Estou tão feliz por tê-lo de volta. Foi muito difícil sem você por perto.

Ele me beija no topo da cabeça e me envolve com o braço.

— Eu odiei fazê-los passar por isso. Estava perto de ter todos as provas, mas depois, recebi esses telefonemas ameaçadores, dizendo que iriam atrás das pessoas que amava. Eu temia que eles fossem seguidos.

— É por isso que terminou com Ava?

— Sim. Eu ia casar com ela, sabe?

Ele está chorando de novo, então eu deixo. Passou por muita coisa também. Quando fica mais calmo, sinto-me capaz de enfrentá-lo.

— Eli, preciso que me diga quem é o chefe. Preciso ouvir você dizer isso.

Uma oração silenciosa aparece na minha cabeça. Por favor, não deixe que seja Xavier.

Então eu lembro que Xavier não vai querer falar comigo

de novo.

***

— É Barton.

O alívio inunda meu corpo. Só sabia que não poderia ser Xavier.
Quero me bater, por sequer pensar isso.
Mas então isso me atinge. Barton sabe tudo. Eu disse a ele tudo o que sabia sobre Xavier, tudo sobre mim. Como eu poderia deixa-lo brincar comigo assim?

A raiva aumenta em mim, mas também o medo. Ele poderia ter me matado a qualquer momento. Poderia ter me matado antes.

— Como é possível?

— Ele entrou na DEA, anos atrás. Usou suas informações, para eliminar rivais e dominar o cenário das drogas. É como um mestre de marionetes, puxando as cordas, deixando todo mundo remover suas suspeitas.

— É o disfarce perfeito.

Eli acena com a cabeça.

— Sim, é ótimo, realmente. Quando descobri, sabia que a única maneira de obter a prova concreta era me tirar da equação. Seguir e ver quem planejou preparar a armadilha. Quando vi você se encontrar com ele, quase estraguei meu disfarce. Levei cerca de dois minutos para perceber que tinha como alvo Xavier. Sabia que não iria te machucar, porque precisava de você.

Levei um momento para processar isso. Meu irmão me observando, esperando para ver o que Barton faria. Sabendo que Xavier era inocente. Talvez eu não deva ficar com raiva, mas estou.

Antes de perceber o que está acontecendo, Eli começa a subir no barco.

— O que está fazendo?

— Vamos sair daqui, enquanto a tempestade não é tão ruim. Não tenho certeza do que Barton planejou, mas temos que ir atrás dele. — Desamarra a linha e toma seu lugar ao volante.

— Não posso deixar a ilha ainda. Tenho que voltar.

— Não vou ficar preso nesta ilha durante o furacão e vou perder a oportunidade de pegar Barton.

— Eli, não. Tenho que voltar.

Ele começa a se afastar do cais.

— Não! Eli, espere!

— O que está acontecendo, Niks?

—Tenho que voltar, para encontrar o Xavier.

Pego o braço de Eli, mas ele o retira.

— Nikki, temos que ir.

— Tive que drogá-lo. Ele saiu para a tempestade, procurando por mim. Tenho que ter certeza que está tudo bem. — Oh Deus, se algo acontecer com ele, nunca vou me perdoar.

— É um menino grande. Pode cuidar de si mesmo.

— Droga, Eli! Escute-me! Deixe o barco parado e olhe para mim.

— Niks, não temos tempo para resgatar seu namorado.

— De a volta no barco, Eli, ou vou nadar até a praia.

Minha voz é firme, fria. Ele começa a abrir a boca para argumentar novamente, mas o paro, levantando a mão.

— Dei a Barton seu cartão de memória. Se quisermos parar com isso, precisamos saber o que está lá e por que Barton a queria tanto.

Eli amarra o barco e me segue até a vila. É tudo que posso fazer para não correr, mas sei que não vai me alcançar. Mesmo em uma corrida, Eli não consegue acompanhar meu ritmo. Pensamentos passam pela minha cabeça.

Imagens de Xavier, afogado em um rio inundado na calçada, sendo varrido para o mar, caindo e abrindo a cabeça. As piores coisas imagináveis e estou pensando nelas.

— Ei — diz Eli quando eu diminuo a velocidade. — Vai ficar bem.

— Estraguei tudo, Eli. Foi um erro duvidar de Xavier e confiar em Barton.

Digo a ele a versão curta de tudo que fiz, tudo que

aconteceu com Barton e Xavier. É bom, finalmente, contar a alguém toda a verdade, mas a culpa é esmagadora. É tudo que posso fazer, para não começar a chorar. Mas temo que, se fazer, nunca vou parar.

Quando chegamos à vila, eu me apressei. Não sei o que vou encontrar atrás da porta, mas não suporto a ideia de que machuquei Xavier. Tudo vai mudar agora. A compreensão do que fiz atinge-me com força.

— Eu o traí o tempo todo, Eli. Ele nunca me perdoará.

— Não pode se punir por isso, Niks. Barton é uma cobra. Ele enganou todos. Não há como saber que não era legítimo. Ninguém suspeitaria que um traficante fosse um agente da DEA. É como uma espécie de enredo de filme ou algo assim.

Aceno, mas sei que Xavier não vai confiar em mim, novamente. Não posso culpá-lo. Respiro profundamente. Quando abro a porta, viro-me para olhar para Eli.

Eu me sinto como um peão, em um jogo de xadrez. Só espero que um dia Xavier possa entender porque tive que fazer isso.

Quando me viro e entro na sala, Xavier está do lado de

fora da sala de estar, observando-me.

— Você pode começar me dizendo por que, diabos, drogou-me, Nicole.

# CAPÍTULO ONZE

Dou um passo à frente, mas Xavier levanta as mãos para me impedir. Recuo e Eli se junta a mim, ao meu lado. Feche seus dedos com os meus.

— Quem é este? — Xavier gesticula para Eli, com a cabeça.

— Sou o irmão de Nicole, Eli.

A confusão obscurece as feições de Xavier.

— Pensei que seu irmão estivesse morto. Então, acho que foi a primeira mentira que me contou.

— Não, ele estava morto. Mas agora é... ainda não processei completamente.

Solto a mão dele e dou um passo de novo. — Por favor, Xavier. Por favor, deixe-me explicar o que aconteceu.

— Eu, realmente, tenho outra opção?

Começa a inclinar-se para o lado e tropeça. Apresso-me

para ajudá-lo no sofá.

— O que quer que me deu, minha cabeça ainda está girando. Sou um público cativo.

Enquanto Xavier e eu nos sentamos, Eli acende mais velas. É quase preto, do lado de fora, com o céu noturno bloqueado por nuvens de tempestade e sem luz na ilha.

Começo do começo e digo tudo a Xavier: a morte de Eli, por que vim para Miami, trabalhando com Barton. Conto tudo a ele. Está, surpreendentemente, quieto, mas enquanto falo, noto raiva e dor em seus olhos, de vez em quando. O fato de tê-lo machucado, é o pior de tudo.

— Então, esta é a razão pela qual estava comigo? Para obter informações? — nega em descrença. —Todo este tempo?

— Não! — Inclino-me. — Não, Xavier. Eu não sabia nada sobre isso, quando te conheci. Não sabia até... que já tinha me apaixonado por você.

Desvio o olhar de seus olhos intensos. Tenho muita vergonha do que fiz.

— Já estava investigando profundamente, a morte de Eli. Alguém estava me seguindo. Barton me assustou. Ele me manipulou e me fez pensar que você estava fazendo coisas. Foi muito convincente.

— É por isso que era tão quente e fria comigo, na festa no barco, quando apareci no clube, na noite em que Kayla foi morta.

— Sim. Eu não sabia em que acreditar, então tentei fugir de você.

Estico-me e coloco a mão no joelho dele. Ele não estremece, então tomo como um sinal para continuar. — Não pude fazê-lo, Xavier. Mesmo quando Barton me disse que as coisas faziam parecer que você, provavelmente, era o chefe, eu não podia acreditar. Mas tive que ir em frente com o que queria. Tinha que ter certeza. No começo, foi só para Eli, mas também tive que provar sua inocência. Eu era tão ingênua.

— Nada disso muda o fato de que mentiu para mim de novo e de novo. Eu só... — Fecha os olhos e solta um suspiro profundo. — Preciso de um tempo, Nicole. Não sei o que fazer com tudo isso.

Tiro a mão do joelho dele e me encosto no sofá. Sabia que não seria fácil. A tensão bloqueia o ar entre nós, mas, pelo menos disse toda a verdade.

Nós três nos sentamos em silêncio por alguns minutos, ouvindo a fúria da tempestade. Finalmente, movo-me e pego três garrafas de água da cozinha.

Eli nos traz de volta à nossa realidade.

— Sei que você tem muito o que pensar e tudo e é óbvio para mim o quanto se importa com minha irmã, Xavier. Mas não temos tempo para isso. Barton está lá fora, fazendo quem sabe o quê.

— Você está certo, — admite Xavier. — Precisamos de um plano. Você o conhece melhor, Eli. Onde sugere que comecemos?

— Porém, tem alguma ideia de por que ele está tão obcecado por você?

— Na verdade, acho que sim.

Eli e eu olhamos para ele, surpresos.

— Alguns meses atrás, descobri que alguém estava

usando meu negócio como fachada para atividades ilegais. Levei um tempo para juntar as coisas, porque está bem escondido e estendido. Ainda não tenho a visão completa, mas disponho de pessoas trabalhando nisso.

— Santa merda. Então Barton tentou armar para você?

— Não tenho certeza, mas parece provável. Ou isso, ou era apenas uma maneira conveniente de fazer negócios.

Ele toma um gole de água e continua. — Eu mesmo tenho investigado, tentando descobrir quem está por trás de tudo. Finalmente, encontrei alguém na cena de drogas, disposto a vender alguns dos jogadores, por muito dinheiro. Está dentro do círculo interno do chefe.

— Sabe quem é? — Eli pergunta.

Xavier nega.

— Deveríamos encontrar-nos amanhã, mas todas as informações estavam naquele memorando. É por isso que sempre a tive comigo.

— Então tudo...

— Todas as nossas comunicações, protocolos para trocar

informações, o endereço e a hora da reunião... tudo.

Eli pula do sofá e caminha.

— Temos que avisar o homem. Barton irá eliminá-lo.

— Não. — Minha voz é calma, mas firme. — Nós não podemos avisá-lo, sem que Barton saiba. Terá olhos em tudo isso, pessoal.

Eli suspira e cai de volta no sofá.

—Você está certa, infelizmente.

— Nós vamos pegá-lo. Repense o local de encontro, obtenha evidências contra Barton e proteja o espião. —Olho entre eles. — Esta é nossa oportunidade.

— Vamos destruí-lo para sempre. Juntos. — Eli me agarra e me abraça forte.

—Você se junta a nós, Xavier?

Ele olha para mim.

— Tenho certeza que não vou deixá-lo ir com isso.

***

Eli pega o rádio de emergência e ouvimos a previsão do tempo. O pior da tempestade terminará amanhã.
Concordamos em ficar de olho na noite na vila e ir para a reunião amanhã.

Eli me leva de lado e pergunta sobre os arranjos para dormir. Meu coração parece que cai no estômago. Não há como Xavier querer que durma com ele.
Digo a Eli para pegar o sofá. Vou dormir no divã.
Toda a adrenalina deixou meu sistema, deixando-me emocional e exausta. Apesar do meu cansaço, não vou conseguir dormir, até me limpar. Quem sabe o que havia naquela água na baía?

Uma banheira parece celestial, mas sei que não vai me manter acordada, então abro o chuveiro. A água sai como chuva e não posso esperar para estar debaixo dela. Estou prestes a entrar, quando ouço uma batida na porta. Coloco um roupão e passo pelo chão de ladrilhos.
Xavier entra e fecha a porta atrás dele. Não sei por que ele

está aqui, então, espero que quebre o silêncio.

Em vez disso, ele, lentamente, aproxima-se de mim e pega minha mão, examinando o pulso machucado. Com a outra mão, ele passa a ponta do dedo sobre o galo, no lado da minha testa.

— Sinto muito, —sussurro, enquanto meus olhos se enchem de lágrimas.

— Shhhh. Eu entendo, Nicole. — Move meu cabelo para trás.

— Nunca quis mentir para você, —sussurro novamente. —Você significa muito para mim.

Ele coloca as mãos nos dois lados do meu rosto.

— Eu te perdoo.

Seu beijo é suave, terno e ele me leva para o chuveiro, tirando meu roupão.

Ficamos debaixo da água e nos beijamos.
Beijos longos e lentos, que dobram os dedos dos pés e me fazem querer congelar o momento de não voltar, quando a

vida também era esmagadora. Suas mãos viajam ao longo do meu corpo, sem pressa. Com a tempestade do lado de fora e sem onde ir, é fácil se perder nelas e no momento.

Xavier pega uma garrafa de sabonete líquido, perfumado com canela e laranja e derrama na palma de sua mão. Deixa suas mãos viajarem pelo meu corpo, aquecendo minha pele. Suas palmas deslizam sobre mim, então retorna para outro passo, onde eles me amassam e me massageiam.

Enquanto explora meu corpo, tomo um pouco do sabão e faço o mesmo com ele, passando minhas mãos sobre seus músculos e os sentindo tensos ao meu toque. Seus braços fortes, seus ombros largos. Toco cada centímetro dele e, de repente, não estou mais tão cansada.

Ficamos debaixo do chuveiro, novamente, nossos corpos pressionados um contra o outro, deixando todo o estresse de hoje ser lavado. Minha cabeça encaixa perfeitamente no espaço entre o pescoço e o ombro dele, duas peças do mesmo quebra-cabeça.

Enquanto nos agarramos um ao outro, sinto que a luxúria eleva-se no meu corpo. Não faz mal que algo seu também esteja se levantando.

Ele retrocede, mas não me deixa ir e se move em direção ao banco no chuveiro. Ele se senta e subo em seu colo, descansando em suas coxas, enquanto nos beijamos. Estou acima dele, para que não tenha que se inclinar muito, para ter acesso aos meus seios. Sua boca se move lentamente sobre eles, girando a língua nos mamilos e me mordendo levemente, em vários lugares. Minhas mãos percorrem seus peitorais firmes e seu abdômen rígido, correndo por todos os gomos, em seu pacote de seis.

Seu pênis espesso já está latejando em antecipação. Ele coloca a mão debaixo de mim e, gentilmente, levanta-me e então, lentamente, entra em mim. Gemo, enquanto ele me enche, polegada a polegada, minha vagina molhada facilitando. Nossos olhos se encontram e vejo ternura e perdão, misturados com necessidade.

No começo, não se move. Estamos tão intimamente conectados naquele momento, que isso aumenta tudo. Na quietude, sinto seu pênis pulsando e latejando dentro de mim, como sei que minha vagina sente o mesmo. A sensação envia arrepios na minha espinha e formigamento entre as minhas pernas.

Quanto mais ficamos conectados dessa maneira, mais rápido minha respiração fica. Xavier é igual. Antecipação é como uma onda chegando. Espero que colida em mim e me mande para uma felicidade orgástica. De alguma forma, sei que assim que se move, mesmo que ligeiramente, seu pênis vai destrancar minha vagina, como uma chave em uma porta, enviando-me para ondas e ondas de orgasmos.

E então ele fica um pouco tenso, pressionando com os quadris e meu mundo explode na sensação, quando atinge o lugar exato. Suspiro, quando meus nervos se iluminam como o céu noturno.

Ele me levanta novamente e, lentamente, puxa-me para baixo. Para cima e para baixo. Para cima e para baixo. Toda vez que quase sai de mim, meu corpo dói para que ajude a descer novamente. De alguma forma, no próximo movimento, movo minhas pernas e sei que ele ainda está me segurando lá. Parece que as palavras destruiriam o momento.

Eu coloco meus pés no banco e ele me carrega um pouco, para poder se conduzir em mim. Embora nos movamos lentamente, o calor entre nós não diminui. Movo meus quadris para combinar com seu ritmo e cada impulso toca meu clitóris

e atinge o ponto G, eletrificando meu corpo. Sou como um cabo ao vivo, todo carregado.
Estou me afogando na luxúria e quero ver isso acontecer. Quero ver o rosto dele, enquanto explode de prazer. Eu me inclino e me empurra para ele. Viro meu corpo contra o dele, em círculos. Ele comunica seu prazer em gemidos e grunhidos. Minhas voltas lentas aceleram e começo a bater nele. Ando em um ritmo lento, mas constante, enquanto trabalha nos meus seios.

Quando geme longo e baixo, arrastando o som, sei que está pronto para gozar. Acelero um pouco, saltando para cima e para baixo, pressionando todos meus botões, enquanto faço isso. Pequenos fogos de artifício vêm a mim, com cada movimento, então sei que não vai demorar muito também.

Agarramo-nos um ao outro, quando chegamos, gemendo de prazer. Demora um pouco, antes de minhas pernas pararem de tremer o suficiente para me levantar.

# CAPÍTULO DOZE

Quando acordo, o outro lado da cama está frio. O sol brilha intensamente no quarto, deixando-me saber que a tempestade passou.

Eu me viro, apertando os olhos contra a luz. O relógio diz que é meio dia. Dormi durante toda a tempestade, aparentemente.

A porta da sala está aberta e vozes baixas murmuram do lado de fora. Prendo meu cabelo em um rabo de cavalo solto e vou até a sala, para ver o que está acontecendo. Eli e Xavier estão sentados à mesa da sala de jantar, estudando a papelada, cuidadosamente e sussurrando.

Quando me veem assistindo, param de falar e começam a mexer nos papéis.

— Então, qual é o plano?

— Que plano? — Eli coloca papéis em um arquivo e dá

para Xavier.

— Sobre Barton. T sou parte disso, você sabe.

Vou para a cozinha e estou feliz por encontrar uma xícara de café.

Não estou satisfeita, quando percebo que deve ser uma segunda vez que é feito na cafeteira. Está cheia, mas seus copos estão no balcão, obviamente tomados. Estão acordados há muito tempo, conspirando sem mim.

Eli entra na cozinha e se estica em minha direção, mas me encolho. Minha carranca deve ser épica, porque volta um passo.

— Nós só queremos que esteja em segurança, Niks. Se não estiver lá, nada te acontecerá.

Xavier está de pé, na sala de jantar. Muda seu peso e evita contato visual. Ótimo. Agora eles estão me atacando.

— Isso é uma merda. De jeito nenhum vou sentar e esperar que voltem. Somos uma fodida equipe, não é? Eles não respondem e mantêm os olhos em seus pés.

— Droga! Esta é minha luta também! Barton brincou

comigo e tentou me matar. Ele pensou ter matado você, — aceno para Eli. — E ele me fez trair Xavier. Quero derrubar sua bunda.

Xavier e Eli mantêm os olhos um no outro, parecendo ter uma conversa silenciosa. Depois de um minuto, Xavier cede e acena para Eli.

— Você está certa, Nicole. Somos uma equipe.

Xavier faz um gesto para irmos para a sala de jantar.

— Estas são todos as provas que temos até agora. Tudo o que Eli e eu coletamos.

Arqueei uma sobrancelha. Eles estavam ocupados, enquanto eu dormia.

— Estas são muitas coisas. Nós vamos levar para alguém da DEA, que não seja corrupto.

— Niks, não há como sabermos disso. — A voz de Eli é calma.

— Se confiarmos na pessoa errada, estaremos todos mortos. — Olha para o Xavier. — Além disso, nenhum de nós tem nada que o conecte, diretamente com as drogas.

— Então, o que diabos estamos fazendo? Não pode se safar disso. Precisamos de provas diretas. Precisamos gravar, é o única caminho. Por favor, diga-me que você e Xavier descobriram uma maneira de fazer isso.

Xavier acena com a cabeça.

— Continuarei e vou para a reunião, pegar dinheiro, fazer o pagamento e receber qualquer informação que puder.

— Onde será a reunião?

— Existe uma festa apenas para hóspedes, fora de um dos hotéis, em North Beach. Uma festa de lançamento para um rapper, que já tocou no clube algumas vezes. Eu me assegurei de que houvesse um convite para Bud Fox. Terá que se registrar.

— Bud Fox? Como o personagem de Charlie Sheen, em Wall Street?

Xavier sorri como uma criança pequena e nega. Não posso deixar de rir dele.

— É uma super espiã, sabia?

— Que posso dizer? Foi meu filme favorito, quando pequena.

Eu me volto para Eli.

— E qual é a sua contribuição para o plano, Gordon Geco?

Ele bufa ao nome.

— Estarei lá como apoio. Vou pegar Barton e encará-lo. Fazê-lo incriminar-se. Não é como se ele estivesse esperando por mim. — Eli sorri.

Bato em seu ombro e ele estremece.

— E quanto ao espião, gênios? Ele está caminhando para uma armadilha. O que impedirá Barton de tirá-lo, antes de obter qualquer informação? Antes de conhece-lo?

Eles olham para trás e para o outro. É um bom ponto, e sei disso.

Finalmente, Xavier fala.

— Tudo bem, Nikki. Você terá que interceptar o espião, antes de chegar à reunião.

Caí no sofá, de repente exausta com tudo isso. Nós não somos espiões. Como diabos devemos fazer isso, sem que alguém morra? Barton é um profissional, com recursos ilimitados de dois mundos, o anel de drogas e o DEA. Pode arruinar nossas vidas em cerca de dois segundos, se quiser. De muitas maneiras, ele já fez isso.

— E como vou saber quem ele é? Não posso sair na entrada esperando, por Bud Fox aparecer. Isso seria muito suspeito.

— Será alguém que você já viu antes. No clube ou na festa do iate.

— E ele parecerá nervoso como o inferno, — acrescenta Eli.

— Nós temos — Xavier olha para o relógio, — muito tempo para gastar.

—Sem ofensa, mas podemos gastar em outro lugar? — digo.

Ambos me dão olhares confusos.

—Quero sair desta maldita ilha.

***

Xavier já havia reservado um quarto no hotel, onde a festa seria. Fizemos o check-in cedo e não fiquei surpresa, ao ver que tinha reservado a suíte de cobertura.

Champanhe, frutas frescas e queijo estavam esperando por nós no quarto, evidentemente, colocado há segundos antes de chegarmos ao último andar.

Eu poderia me acostumar com isso.

Xavier se desculpa para fazer algumas ligações comerciais e verificar as negociações, nas Ilhas Cayman. Eu o vejo caminhar até a área do escritório e fechar a porta atrás dele. Depois de tudo isso, ainda terá que voar para lá. Ainda quer que eu vá? Meus instintos me dizem sim, depois da noite passada, mas o trai. Eu o droguei. Acreditava que era capaz dos piores crimes. Não tenho certeza se é, realmente, capaz de me perdoar.

Eli comia a sua comida, quando me viro. Sorri para mim com a

boca cheia de purê de morango, que o faz parecer um vampiro sedento de sangue. Eli sempre fazia piadas, para cobrir situações desconfortáveis.

Pego uma fatia de laranja e sorrio para ele, com a crosta cobrindo meus dentes. Um truque que aprendi, quando tinha seis anos.

— Isso não significa que não estou com raiva de você, seu grande idiota. — Minha voz é tenra, apesar das minhas palavras.

— Eu sei, Niks. Desculpe-me, machuquei você.

Eu o empurro, com meu cotovelo.

— É bom tê-lo de volta, no entanto. Mesmo se é um idiota. — Eu o agarro em um abraço e o aperto com força. — Eu teria feito qualquer coisa para tê-lo de volta e aqui está você. Acho que tenho que começar a acreditar em milagres, hein?

— Não sou o único que mudou, desde a última vez que te vi. Está diferente. Embora de um jeito bom.

— Sim. Tive que crescer muito, desde que perdemos

você. — Sorrio. —Finalmente, sinto que sei quem sou e o que quero.

— E Xavier está no topo da lista, hein?

— Talvez, — digo, em uma voz sincera. — Por enquanto, pelo menos.

Ele bufa.

—Tanto faz irmã. Ele é, claramente, louco por você e posso dizer que o sentimento é mútuo.

Minhas bochechas ficam vermelhas por suas palavras.

— É complicado, Eli.

— É bem simples, se quiser. — Ele encolhe os ombros. — Passaram por muitas coisas juntos, em pouco tempo. Deixe-o perdoar e aceitá-la. Ele é bom.

Puxa-me para outro abraço e beija o topo da minha cabeça.

— Agora vou deixa-la curtir um momento a sós com seu homem. — Coloca uma uva na boca e pega um pouco mais da bandeja.

— Onde está indo?

— Tenho que pegar alguns suprimentos para esta noite. Voltarei ao pôr do sol.

Ele coloca a mão na maçaneta da porta, mas faz uma pausa, antes de abri-la. — Diga-lhe como se sente, Niks. Ele precisa saber e você também.

***

Uma vez que Eli sai e me deixa sozinha, meus nervos tomam conta. Alterar os canais de TV não ajuda. Meu escritor favorito não pode me distrair. Mesmo a bela vista de North Beach e do Oceano Atlântico, não me acalma. Em vez disso, vou de um lugar para outro, na frente das janelas. Minha mente compete com tudo que poderia dar errado.

— Tentando se exercitar, antes dessa noite? — Xavier zomba, quando anda atrás de mim.

Paro de passear e ele coloca as mãos na minha cintura, inclinando-se, para descansar o queixo no meu ombro.

— Você está estressada, — ele diz.

— Só quero acabar com isso. O que acontece, se algo der

errado, Xavier?

Não consigo parar de pensar em Barton e o que ele fez.

— Eu sei uma maneira de distrair você. — Pressiona seus lábios no lóbulo da minha orelha, em seguida, belisca suavemente a borda.

— Você joga sujo. Sabe o quanto gosto disso.

— Mmmm hmmm —murmura, entre beijos e lambidas no meu pescoço. — É por isso que gosto tanto de estar atrás de você. Fácil acesso.

Eu me inclino sobre ele e suas mãos viajam sob o cós do meu short, empurrando-as para baixo e para fora dos meus quadris, até que caem no chão. Ele desliza a mão na minha calcinha e vai até meus lábios, provocando a abertura. Sua outra mão empurra-me de volta e sinto sua ereção contra mim. Minha vagina torna-se impaciente, quando me atormenta, chegando tão perto, colocando um dedo dentro de mim, apenas para negar meu prazer.

Ele rosnou e riu, mas sua voz estava rouca de luxúria.

— Você está me torturando.

— Mas só pense em como vai ser bom, quando não estiver.

Ele faz um círculo mais lento ao redor e, em seguida, pega minha boceta com a mão. Encosto-me um pouco mais, na esperança de tê-lo em uma posição melhor. A borda da mão pressiona meu clitóris e ofego de prazer. Ele esfrega a palma da mão contra mim e aperto meus quadris contra sua ereção, em resposta.

Agora é sua vez de gemer. Com a outra mão, ele se estica e desabotoa minha camisa e tira o sutiã. Deixa os dois abertos, passa os dedos, lentamente, sobre meus seios. Pareciam penas acariciando minha pele.

Porque, se vou ser honesta com ele, há uma proximidade entre nós, que nunca senti com ninguém. Sua outra mão continua a exploração entre minhas pernas, empurrando meus lábios abertos e os deixando fechar. Mas ainda não há penetração. Preciso ser penetrada e bem.

Enquanto ele passa as mãos pelo meu corpo e beija meu pescoço, balanço meus quadris para frente e para trás e os giro ao redor. Suas mãos deixam meu corpo e puxam minha camisa e sutiã. Suavemente, empurra minhas costas e me

inclino, colocando minhas mãos e antebraços contra a janela.

Acho que vai entrar em mim, quando tirar a calcinha, arqueio, pressionando meus seios contra o vidro. Em vez disso, no entanto, ele estica uma mão e passa sobre meu quadril com a outra, colocando os dedos dentro de mim e esfregando o clitóris, ao mesmo tempo. Continua beijando minha parte inferior das costas e quadris.

Seus dedos cravam em mim, lentamente e circula o clitóris, movendo-o suavemente, de um lado para o outro. Minha boceta está pingando agora e ele se move, para inserir outro dedo. Seu corpo pressionou contra o meu, empurrando-me um pouco mais perto do vidro. A sensação do vidro quente, junto ao sol, contra minha pele e o fresco do ar condicionado, é a melhor das sensações. Estamos no último andar, sem prédio nas proximidades e o oceano está à nossa frente, portanto, não há risco real de que alguém nos veja. Mas, olhando para a água e a sensação de estar exposta, deixa-me tão excitada, que não aguento mais o orgasmo. Suspiro alto, quando gozo, gemendo e me contorcendo contra os dedos de Xavier.

Antes que possa me recuperar, ele me pega e me leva

para o quarto, gentilmente me colocando na cama.

— Confia em mim?

— Sim, — sussurro.

Entra no armário e volta com um robe de seda. Não tenho certeza do que está fazendo, até que tira o cinto do robe e o segura, com um brilho nos olhos. Coloca os pulsos juntos e as amarra na cabeceira. Não posso escapar agora, mas não gostaria de fazer isso, de qualquer maneira. Estou completamente sob seu feitiço. Nunca senti essa intensidade com ninguém e não vou fugir disso.

Ele paira sobre mim por um momento, beijando-me profundamente e passando as mãos sobre cada centímetro do meu corpo. Sinto a emoção de ser completamente incapaz de pará-lo, mas confio nele, ao mesmo tempo.

— Quero você, Nicole. Toda você.

— Sou tua. Tudo de mim.

Seus olhos brilham com luxúria e ele passa as mãos ao longo das minhas pernas, do quadril ao tornozelo. Gentilmente os separa e se ajoelha entre minhas pernas.

Nossos olhos estão unidos, enquanto guia seu pênis dentro de mim. Quando chega, é tão bom. Como tudo, até este momento. Nós nos encaixamos juntos. Depois de tudo o que passamos, está claro, mais agora do que nunca. Enquanto se move entre minhas pernas, quero fechar meus olhos com prazer, mas seus dedos tocam meu queixo.

— Abra os olhos, Nicole. Quero que você me veja.

A intensidade desse contato íntimo, enquanto nossos olhos procuram um pelo outro, é quase demais. Suas emoções estão nuas diante de mim. Sei que as minhas também são e isso me assusta. Isso é mais do que imaginei que poderia ser e tenho medo de perde-lo.

Enquanto continua a empurrar dentro de mim, seu pênis fica mais duro, afundando em mim, mais e mais profundamente. Ainda estou amarrada na cama, meus pulsos cruzados e amarrados na cama. Ele sai de mim e a ausência é uma afronta. Preciso que me preencha.

—Preciso de você — murmuro.

Vira-me, então estou amarrada à cama e completamente à sua mercê. não consigo ver o que vai fazer.

— Nicole, este corpo é meu agora e eu vou usá-lo, — ele rosna.

— Sim, Xavier, — digo.

Pega minhas coxas e as abre. Arqueio as costas, para permitir melhor acesso. Ele empurra dentro de mim, agarrando meus quadris, quando entra na minha boceta, tomando o que quer.

— Você é minha.

Sua voz é baixa e, enquanto continua a me penetrar, agarra meu cabelo em sua mão, montando-me e me lembrando que está no controle. Está revidando sua raiva comigo e está libertando.

Moe contra mim e essa pressão empurra meu clitóris na cama. A dor puxando meu cabelo, e a intensidade do meu clitóris e o jeito que me enche, leva-me ao limite. Usa minha boceta, empurrando mais fundo e com mais força, até ouvir sua respiração agitada, o que significa que está prestes a gozar. Eu o aperto dentro de mim e gemo.

— Nicole, seu corpo foi feito para mim. — Ele grunhe e, com um empurrão forte, afasta-se e vem em minhas costas.

Estou marcada por ele.

Ajoelha-se atrás de mim, espalhando os lábios da minha boceta bem abertos. Começa a lamber e cantarolar contra mim. Estou escorregadia da umidade e da queimadura, do jeito que ele a usou e é aliviada, pela habilidade de sua língua. Arqueio minhas costas contra sua boca, meus braços puxam a corda que me prende.

Pega meu clitóris em sua boca e chupa, até dar-me uma liberação tão intensa, que meu corpo está tremendo. Xavier para de chupar, enquanto o último dos meus tremores deixa meu corpo.

— Você se sente tão bem, Nicole.

Adoro ouvir meu nome em seus lábios, ainda escorregadio, por causa da minha umidade. Beija minhas nádegas, descendo por minhas costas, até os ombros e o pescoço. Desamarra-me e me vira, então nos encaramos, estando a poucos centímetros um do outro.

— Não quero te perder, Nicole.

— Mas o que eu fiz... como pode me perdoar?

Ele acaricia meu rosto.

— Nada disso importa. O que importa é que estamos juntos.

Alívio flui através de mim e me lembro do que Eli disse sobre contar a Xavier como me sinto.

— Não quero perder você também. O que acontece, se algo acontecer hoje à noite?

Ele inclina a testa contra a minha.

— Shhhh. Não vou deixar nada acontecer a nenhum de nós. Sempre te protegerei, Nikki. — Prometo.

Parece que o peso das últimas semanas aumentou. Lágrimas descem pelo meu rosto e ele as beija. Corro minhas mãos pelos braços dele e está me beijando. Moe dentro de mim e giro um pouco, para mostrar que estou pronta para continuar. Sinto seu sorriso, quando me beija e, gentilmente, começa a deslizar para dentro e fora de mim, novamente.

Nós não estamos fazendo sexo. Não se trata disso. É sobre nós dois termos uma conexão, depois de um começo difícil. É um novo começo. Parece que estamos consagrando

uma promessa.

Finalmente, entendo o que as pessoas querem dizer, quando fazem amor.

# CAPÍTULO TREZE

Xavier e eu nos preparamos, quando Eli retorna. Ele me dá um olhar, que denota sua curiosidade sobre como as coisas saíram. Pressiono meus lábios com força e ajo como se estivesse jogando a chave fora. Isso me dá um grande sorriso.

Vou até a janela para ver a praia abaixo. A festa está em pleno andamento. Tochas e balões brancos servem para iluminar a área e manter os pedestres afastados. A música é tão alta, que posso ouvir o baixo daqui de cima.

— Acha que vai usar um vestido tão pequeno, senhorita?

Viro-me para Eli e reviro os olhos. Ele está me dando um gesto de desaprovação, mas sei que está brincando.

— Vá para seu quarto e mude! — Ele diz.

Xavier sai da sala, rindo.

— Gosto quando Nicole usa vestidos curtos.

Caminha até a janela e planta um beijo firme na minha boca, batendo-me na bunda, enquanto caminha de volta para

o quarto.

— Olá! O irmão está aqui. Não preciso ver nada disso. — Eli ri. Nega e chama minha atenção. Seu sorriso desaparece. — O que há de errado, Niks?

Atravesso o quarto sem falar e coloco meus braços ao redor dele, abraçando-o com força, segurando-o como se fosse um salva-vidas e não conseguisse nadar.

— Tem que ter cuidado, Eli. Não posso te perder de novo.

— Ei, irmãzinha. — Retrocede, mas mantém seus braços em volta de mim. —Não vou a lugar nenhum. Vou incomodá-la por muito, muito tempo.

Quando todos estão prontos, revisamos o plano novamente, enquanto Xavier coloca o dispositivo de gravação em Eli. Estão determinados a obter a confissão de Barton. Não estou convencida de que isso possa ser feito, mas ambos acham que ele tem tanta certeza de que quer se exibir. Acho que, realmente, não ficaria surpresa.

Enquanto Eli enfrenta Barton, Xavier estará no modo de espera, como backup. Tenho um trabalho: Encontrar o

informante e manter seguro, longe de Barton.

Ainda estou nervosa para descobrir quem é o informante, pode ser qualquer um. Havia muitas pessoas naquela festa, no iate de Eduardo e ainda mais pessoas no Club Ultra. Como vou removê-lo longe de todas as outras pessoas na praia?

Decidimos que é melhor para Eli não descer o elevador conosco, apenas no caso de alguém nos ver juntos. Decide tomar uma combinação de escadas e elevadores.

Não há nada incomum sobre Xavier e eu juntos. Barton, provavelmente, assumiu que estou morta, então, gostaria de evitar vê-lo a todo custo. Se nos deparamos com ele, imagino que ficará surpreso por estar viva e então apenas pensará que Xavier não sabe o que fiz. Nunca, em um milhão de anos, admitiria a Xavier que eu o droguei e espiei.

Quando entramos no elevador, pego a mão de Xavier e entrelaço nossos dedos. Agora que tudo está descoberto, fico temerosa que algo aconteça e ele se afaste de mim. Xavier deve sentir minha tensão, porque se vira para mim e segura meu rosto em suas mãos.

— Sabe como eu sei que nada vai acontecer hoje à noite?

Eu nego, mas não falo.

— Porque não vou deixar você por nada. Acabei de encontrá-la e não vou perdê-la.  Entende?

procuro seus olhos e posso dizer que diz isso com todo o coração. A emoção é intensa e o elevador está prestes a abrir, então faço um movimento do livro da minha irmã, para aliviar a tensão.

— Às vezes, você é tão carente. — Eu o irrito. Xavier solta uma longa risada.

— Vou trabalhar nisso, quando terminarmos de jogar de policiais.

— Gosto de pensar em nós como espiões. Parece muito mais glamoroso.

Ele me puxa para um beijo profundo e depois me abraça com força, quando as portas do elevador se abrem.

— Cuide-se.

— Você também.

***

Misturar-se com a multidão, na festa da praia, é muito fácil, pois todos estão vestidos para impressionar. Xavier queria que eu escolhesse um vestido, de uma das butiques do hotel, mas estava paranoica em arruiná-lo com toda a espionagem, a areia e a carreira em potencial para fugir. Em vez disso, usei um pequeno vestido preto sem mangas, enfatizando o pouco. É fabuloso o suficiente para ser apropriado, mas não é algo que destaque. Exatamente o que preciso, para encontrar uma agulha num palheiro.

Em pé, na entrada da área da festa, seria mais fácil identificar, mas todos concordamos que era muito chamativo. A probabilidade de Barton me detectar, no meio da multidão, é pequena. Na entrada, seria um pato sentado. Ainda sou uma ponta solta para cuidar, se ele percebe que estou viva.

Pergunto a um barman se pode me servir água com gás, num copo de mojito. Beber tiraria minha vantagem e eu poderia precisar. Mas não ter nada me faria sobressair. Ele olha para mim com curiosidade, até eu lhe dizer que sou a motorista designada, mas meu amigo bêbado insiste que beba alguma coisa. Dar o preço total de um mojito, como gorjeta,

provavelmente, não prejudica o meu caso.

Bebida na mão, examino a multiplicidade de rostos familiares. Os organizadores fizeram um bom trabalho com a festa. Parece um daqueles filmes com Elvis no Havaí. As tochas e luzes dão o brilho justo, contra o céu da noite. Como de costume, em uma festa como esta, a comida é uma reinvenção de alguns coquetéis. Mas ainda tenho que admitir que a barriga de porco grelhada e os espetos de abacaxi são muito saborosos.

Não estou destinada a curtir a festa e não posso fazer isso, enquanto o estresse desta noite tem a adrenalina correndo por mim. Tento equilibrar o aspecto que estou tendo um bom tempo como observadora. Digo olá para algumas pessoas que já vi antes, em outros eventos, mas eu não participo da conversa. Meus nervos ainda estão altos e acho que vejo Barton em todo lugar. Talvez devesse ter um verdadeiro mojito.

Há tantas coisas que podem dar errado, com esse plano. Se algo acontece com Eli ou Xavier... não consigo nem pensar nisso. Ou outra pessoa, como uma espectadora inocente como Kayla. não posso viver com outra morte na minha cabeça.

Sei que Eli e Xavier acham que Barton a matou, para me forçar a cooperar. Mas eles nunca diriam na minha cara. Assistir a um mar de rostos aleatórios não está ajudando, então me dirijo aos gorilas à frente.

— Bud Fox se registrou?

— É uma amiga?

Aceno e o garoto ri e afasta sua franja escura dos olhos.

— Quase não deixei seu amigo entrar, porque Bud Fox? De verdade? Mas que diabos, certo? E esse Bud era bem atraente, então me processe.

Mais um? Isso foi inesperado.

— Você se lembra há quanto tempo?

— Talvez vinte minutos? Sei que foi para o bar à direita, porque gostava da vista, enquanto se afastava.

Ele deve ter visto algo no meu rosto, porque se defendeu rapidamente.

— Ei, tenho que aproveitar qualquer vantagem que possa conseguir. Você sabe o quanto é ruim trabalhar nessas

festas, enquanto todo mundo está quebrado? Especialmente em uma festa na praia?

Vou ao bar que ele mencionou e detecto alguém que conheço. Uma das garotas do clube V.I.P., Sasha. Ela tem a mão no braço de um menino, com o rosto voltado para mim. Cabelo escuro e musculoso, camisa cara. Vou rodar para que eu possa ver.

Ela se inclina sobre ele e se viram ligeiramente. É Eduardo.
Poderia ser o informante? Ele, definitivamente, tem acesso a ambos os lados, trabalhando para o chefe e fazendo negócios com Xavier. Meus instintos lutam dentro de mim. Parece ser mais do tipo de fazer coisas ilegais, em vez do rato de outra pessoa. Por que ele seria o espião, especialmente quando iria prejudicar seus negócios com o chefe? Mas Xavier disse que todo seu trabalho em conjunto é completamente legítimo e que estão, realmente, em boas condições. Talvez ele esteja tentando proteger seus interesses legítimos e Xavier.

Tenho que fazer algo. Se avisá-lo, Barton poderia mata-lo. Tenho que aproveitar a oportunidade. Ela aparece alguns minutos depois, quando Sasha se afasta dele na multidão.

Corro para o bar e o intercepto, antes que possa desaparecer também.

— Eduardo, preciso falar com você. — Agarro seu braço e o puxo para o lado, atrás do bar.

— Nicole. Que diabos?

— Sei o que está fazendo aqui, hoje à noite. Não é seguro. Temos que sair daqui.

— Do que está falando? Acabei de chegar e não vou a lugar nenhum, especialmente com a garota de Xavier.

— Eu sei sobre o encontro desta noite. Mas não pode ir em frente com isso. Ele sabe. Você está em perigo.

Eduardo olha para mim por um longo momento. Quando fala, suas palavras são lentas e condescendentes, como se ele estivesse falando com uma criança.

— Nicole, realmente, não tenho ideia do que está falando. Acho que pode precisar falar com alguém. — Ele me dá um tapinha no ombro. — Vou voltar ao bar para, quando Sasha voltar, me encontrar.

Enquanto ele se afasta, olho para meu telefone e percebo

que é quase meia-noite. Tenho que ir à praia e parar a reunião. Se não é Eduardo, tenho que descobrir quem é e rápido.

Empurro, através da multidão, esquivando-me de bebidas e agitando meus braços, enquanto as pessoas dançam. A cada passo que dou, sinto meu cérebro girando, um segmento de cada vez.

E então, tudo se encaixa. Eu sei quem é o informante.

***

Empurro através da multidão, não me importando em quem estou batendo. Tenho que deixar a área isolada e ir para a praia. Não há saída traseira, então tiro meus sapatos e me agacho sob as luzes, entre duas tochas, como se estivesse no limbo. Meus pés deslizam na areia e quase caio, mas, rapidamente, endireito-me e corro. Eu a pego rapidamente e a agarro.

Ela grita, enquanto minha mão cava em seu braço.

—Sei porque você está aqui. Seu disfarce voou.

— Que diabos, Nikki? Está me machucando!

— Não há muito tempo. Ele sabe sobre a reunião e virá para você.

Ela ainda está com raiva de mim, mas se acalma.

— Honestamente, Nikki, não sei o que...

— Porra, Sasha. Ele sabe tudo. Vai te matar, como matou Kayla.

Isso a deixa fria e suas pernas enfraquecem.

— Como descobriu? — Sua voz é baixa, mas posso ler a emoção nela.

— Ele me traiu e dei a ele arquivos do computador de Xavier. Mas isso não é importante. podemos derrubá-lo, Sasha. Ele não pode machucar mais ninguém.

— Não, de maneira nenhuma. Não estou interessada em testemunhar. Quero dinheiro e depois, desaparecer. Ponto. — Olha em volta e nega. — Vou sair daqui.

Tenta se afastar de mim, mas não a solto do meu aperto. Não há como lutar. Sasha é magra, mas não está em forma. Ela está muito orgulhosa de como nunca corre.

— Você está me machucando! — grita.

— Sinto muito, mas não posso deixá-la ir. Não é seguro neste momento.

Ela nega.

— Não é seguro em nenhum lugar em Miami. É por isso que preciso sair.

— O que acontece com a proteção de testemunhas? — Imediatamente, quero recuperá-la, quando vejo o desprezo em seu rosto.

— Ele é o maldito DEA, Nikki. Você acha que não tem informantes em todo lugar? Como você acha que ficou tão grande e ficou sob o radar?

— Não precisamos ir ao povo de Miami. Podemos levar tudo para outro escritório, podemos...

— Não. Quero a recompensa que Xavier me prometeu e lhe darei a informação. não farei mais nada, não quero fazer

parte disso.

Os meninos precisam de mais tempo. Se eu a deixar ir agora, Barton pode encontrá-la, se estiver esperando para ver quem aparece no encontro com Xavier. Se deixar ir agora, pode desaparecer com todas as provas.

Não sei como mantê-la. Não posso segurá-la forte para sempre, mas não posso deixá-la ir também.

Acontece que o destino toma a decisão por mim. Um tiro soa da praia.

# CAPÍTULO QUATORZE

Manter o controle sobre Sasha não importava mais. Deixei-a ir e fugi. No começo, não vejo ninguém, mas então, uma voz forte vem através do vento.

Barton tem uma pistola apontada para o peito de Xavier. Meu coração cai no chão. Barton vira as costas para mim e Xavier ainda não me viu. Freneticamente, olho em volta, tentando descobrir o que fazer. Onde diabos está Eli?

— Nunca vai provar nada, sabe. Coloquei uma armadilha tão boa. Tudo leva a você.

— Você é um filho da puta, Barton. Vou te derrotar. —Eu nunca ouvi o Xavier soar tão frio antes. E nunca mais quero ouvir isso de novo.

— Pode tentar, Xavier. — Cospe o nome e gesticula violentamente com as mãos. — Sou um maldito rei nesta cidade. Sou o dono de Miami.

Olho, freneticamente, entre eles. Estou paralisada pelo medo e indecisão. Não parece haver nada que possa fazer, mas tenho que tentar alguma coisa.

— Vai cair, Barton, acredite ou não. Você é uma praga nesta cidade, deixando corpos e destruição em seu caminho. Não vou deixa-lo se safar mais.

— E que diabos vai fazer, bonitão? Estou prestes a entrar em um helicóptero e você não me verá novamente.

Olho para a arma na mão de Barton. Ele poderia atirar em Xavier, neste momento e meu mundo giraria. Tenho que fazer algo.

Eu me aproximo, embora não queira, agachando atrás de um barracão que, provavelmente, tem cadeiras de praia. Estou muito perto de Barton agora. Se eu pudesse...

Há um corpo na praia. Meus olhos o examinam com descrença. O cabelo, as roupas, os sapatos. Uma nuvem se move acima, deixando um pouco mais de luar na praia. Um líquido escuro afasta-se do corpo.
Caio de joelhos, não me preocupando com algo acontecendo comigo. Isso não é real. Não pode ser real. Eli não pode estar

morto, não depois de tudo. O mundo para e não me importo com, absolutamente, nada.
Uma voz, que diz meu nome, quebra meu torpor. É Xavier. Gritando.

***

Consigo desviar o olhar do corpo de Eli, assim que Barton joga um braço em volta do meu pescoço e me arrasta pela areia, com a arma na minha cabeça.

— Se você me seguir, vou matar sua namorada. Ontem, não pude ter certeza de que estava morta. Isso é um erro que não vou repetir.

Quando Barton me afasta de Xavier e Eli, meu cérebro, finalmente, começa a acompanhar minha situação. Estou terrivelmente apavorada, mas não quero morrer. não vou deixa-lo me matar também. Luto contra ele, mas me aperta mais forte.

— Se cooperar, poderia deixá-la viver. Se não fizer isso, uma bala entrará nessa sua linda cabecinha. Entendeu?
Tento dizer sim, mas sai como um guincho. Seu braço está tão apertado em volta do meu pescoço, que estou tendo dificuldade em respirar.

Barton me joga no banco da frente de um carro padrão do governo. Há uma tela entre os assentos dianteiros e traseiros, para transporte de prisioneiros. Acho que sou a prisioneira, neste momento. Sou grata que ele não me jogou no banco de trás.

Mas se decolar em um helicóptero, tenho certeza de que minha utilidade será curta. Tenho que encontrar uma maneira de sair deste carro. Se ele me levar ao helicóptero, estarei morta de qualquer maneira.
Barton sai do estacionamento e se dirige para South Beach. Ele se desvia e quase bate nos carros, enquanto se retira.

Conforme se move mais adiante, a raiva aumenta em mim. Esse homem matou meu irmão, ameaçou meu namorado e me sequestrou, com uma arma. Para não mencionar tudo o que ele fez.

— Então, qual é o seu plano? Vai para um país sem extradição ou alguma merda? Parece um pouco covarde para mim.

A dor explode no meu rosto, quando me atinge com a arma.

— A próxima vez será uma bala na sua perna, boca inteligente.

Pressionei meus lábios juntos. Esse não foi meu melhor momento sob pressão, mas quero arrancar sua cabeça.

Estamos indo rápido, para pular do carro e ele, provavelmente, atiraria em mim e me atropelaria.

Um movimento, no lado da janela do motorista, chama minha atenção e quero gritar, quando vejo quem está dirigindo ao nosso lado. Xavier

Ele se aproxima e ataca o lado do carro de Barton, quando está distraído, olhando por cima do ombro para Xavier, mal prestando atenção na estrada. Ainda tem uma mão na arma também. Quando se distrair, pegarei o volante. Posso terminar isso.

Coloco, rapidamente, o cinto de segurança. Estamos indo tão rápido, que não posso sobreviver ao que estou prestes a fazer, mas isso tem que acabar. Barton tem sua atenção em Xavier. A arma aponta para o para-brisa e a outra mão segura o volante, levemente. É agora ou nunca.

Ao mesmo tempo, alcanço o volante com as duas mãos, atingindo seu braço direito. Larga a arma e fico surpresa por

não disparar. movo o volante para um lado, com força. As ruas são, felizmente, abandonadas aqui, mas ainda me preocupo que colidiremos.

Barton luta comigo pelo controle do volante, mas antes disso, Xavier o acerta novamente. Perdemos o controle e o carro gira no ar, aterrissando no telhado com um estrondo. Meu único pensamento, pendurada de cabeça para baixo, olhando para meu corpo, em busca de ferimentos, é que Barton não tinha o cinto de segurança. Tenho medo de esticar o pescoço e procurar por ele, caso esteja ferido, mas vejo seu braço projetando-se em um ângulo estranho. Estou tonta, mas não sinto que tenha quebrado alguma coisa. olho pela janela da frente. Está coberta por uma teia de rupturas, pelo choque. Uma figura aparece na minha frente, distorcida pelo vidro. Mas conheceria esse corpo em qualquer lugar.

— Nikki, estou aqui. Não se mexa, você está bem?

Olho para Barton. Ele está quieto, mas ainda estou esperando que abra os olhos e me agarre, como o vilão de um filme. Minha cabeça dói, estou tonta de ficar de cabeça para baixo. Movo os dedos das mãos e pés e toco minhas pernas e torso. Tudo parece funcionar. Não há partes quebradas ou

grandes feridas, que possa sentir.

Xavier deixa muito do seu sangue no vidro, mas consegue remover a janela. Pergunta se estou bem. Estou tentada a fazer uma piada, no começo, mas não sai. Em vez disso, lágrimas quentes enchem meus olhos.

— Eu sei baby. Vou te tirar daí. Apenas espere, — ele diz.

As sirenes soam longe e sei que a ajuda estará aqui em breve. Se Barton não está morto, talvez eles possam levá-lo embora. Talvez haja alguma justiça. Se eles não são corruptos, é claro.

Depois de manobrar a porta e cortar meu cinto de segurança, Xavier me tirou do carro. Sinto-me bem, mas ele insiste em esperar que os paramédicos cheguem, para confirmar que posso me mover com segurança.

Segura em seus braços, faço perguntas mais importantes, do que jamais fiz. Um, que tem o potencial de me quebrar, ou me derrubar, novamente.

— O que aconteceu com Eli? —As palavras vêm apressadas. não consigo pensar no que farei, se a resposta for ruim.

— Ele vai ficar bem. Uma ambulância levou-o ao hospital.

O alívio preenche todas as células do meu corpo. Não o perdi.

— E você? Está bem também? — pergunto.

— Agora que está segura, estou bem. Quero destruí-lo, por fazer você passar por tudo isso.

Um caminhão de bombeiros para primeiro e um dos homens pula, antes de parar.

— Tem alguém no carro?

— Sim. O homem que sequestrou minha namorada e a ameaçou com uma arma.

O bombeiro olha para ele e vê a seriedade em seu rosto.

— Está bem. Tomarei as medidas apropriadas para um prisioneiro. Senhorita, teremos que verificá-la. — Ele se dirige a Xavier. — Por favor, evite que ela se mova. Às vezes, o choque atrasa a reação do corpo ao ferimento.

Vemos os bombeiros trabalhando no carro. Quando

começam a puxar Barton dos destroços, parece que está morto. Então, um gemido baixo vem de dentro do carro. Está vivo.

— Pensei que morreria, — diz Xavier. — Não sei como me sinto, sobre ele viver.

— Pelo menos pode ser cobrado pelo que fez.

Tento não deixar a esperança tirar o melhor de mim. Se nada mais, sequestrar-me e atirar em Eli deveria deixá-lo trancado por um longo tempo. Mas quero que pague por tudo. Por cada crime que cometeu.

— Conseguiu o que precisava? Há provas suficientes contra ele?

— Sim. Ele vai para a cadeia por um longo tempo.

Solto um suspiro audível e algumas lágrimas escorrem pelo rosto. A tensão, no meu corpo, começa a derreter como gelo.

— Você não precisa mais se preocupar, Nikki. É hora de pagar, por toda a miséria que te causou.

Xavier se inclina para me beijar. Seu beijo é suave e

cálido. Quando eu encontro seus olhos mais tarde, eu sei que acabou. Estou segura.

Pela primeira vez em meses, sinto que sou eu mesma de novo. Tenho Xavier ao meu lado, meu irmão está vivo e as pessoas, que me importam, estão seguras.

— É difícil acreditar que acabou, com tudo o que aconteceu nos últimos dias. — Nego e solto uma risada trêmula. — Toda situação parece ridícula, neste momento, mesmo que não seja nada engraçado. O que farei agora, que não tenho crimes para investigar?

— Falando nisso, precisa espionar outro traficante, ou podemos fazer essa viagem para Cayman, agora que nossas vidas não estão em perigo? Seu irmão pode vir. — Xavier sorri para mim e pega minha mão, enquanto os paramédicos me verificam.

Nunca vou liberar essa mão, novamente.